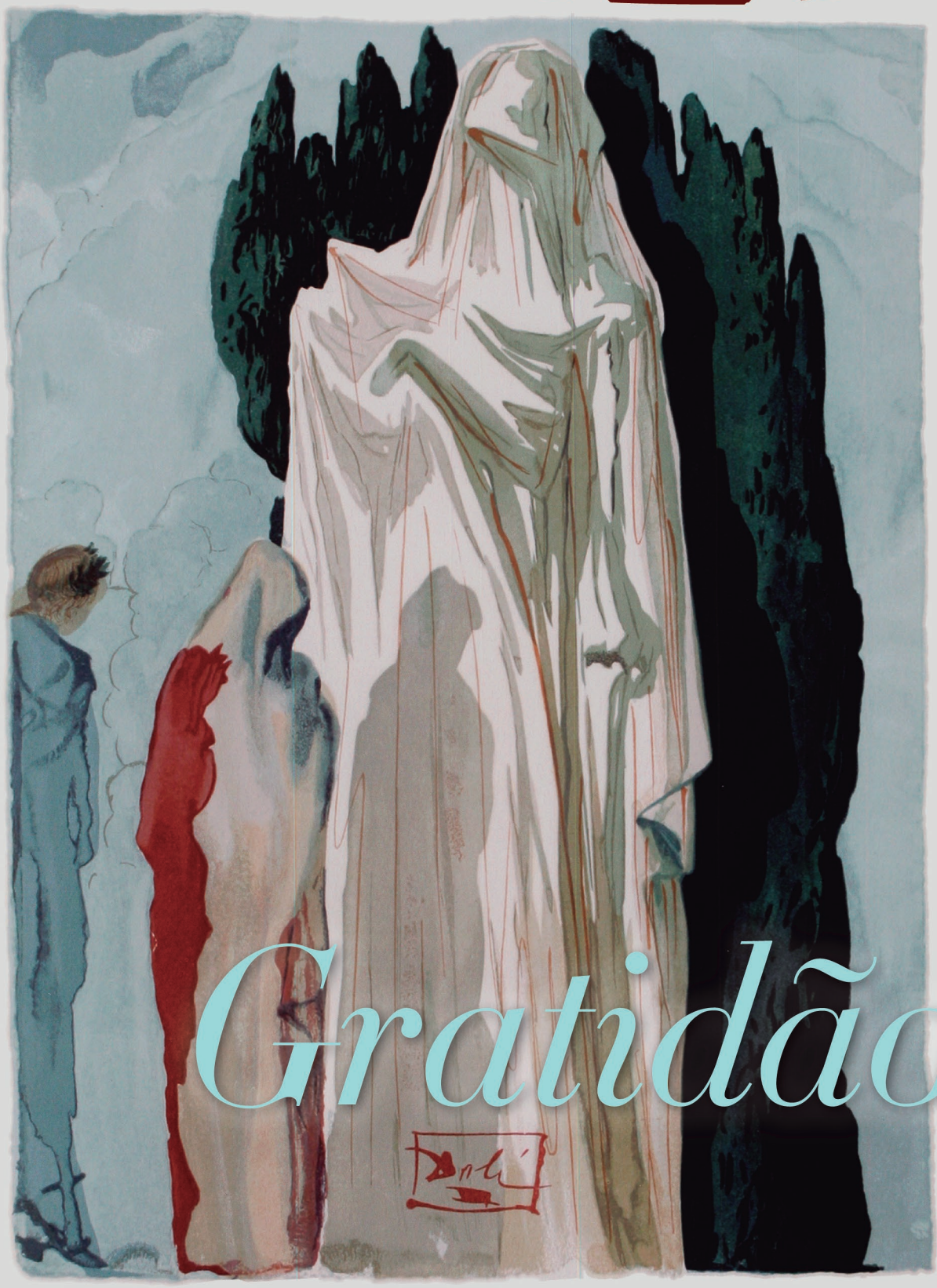
Esta edição é dedicada à generosidade, semeio da transformação.

ISSN 2237-9762

iátrico

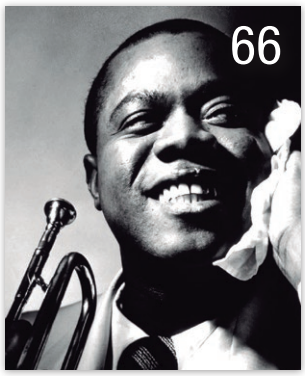
nº 36



Gratidão

iátrico

QUEREMOS SUA OPINIÃO. A revista **IÁTRICO** faz a sua despedida dos atuais conceitos de conteúdo editorial, design e de circulação. A publicação será toda repensada, levando em conta o seu custo-benefício e a atratividade aos médicos leitores, aos quais compete a decisão de continuidade ou não e de como prefere ler.



5 EXERCÍCIO DE SOLIDARIEDADE
Compromisso de doação move os ricos

10 GRATIDÃO NO PARTIR
A mensagem do sabor da vida

16 INFÂNCIA SINCERA
O lugar mágico

20 O MARUJO SONHADOR
Para um amor sem fim

34 A URSS QUE NINGUÉM VIU
A visão humana de uma Nobel

38 DO TEMPO PERDIDO
A oportunidade de mudança

65 AULA DE COMPOSIÇÃO
Sinal fechado e a correria da vida

66 MUNDO MARAVILHOSO
O caminho ensinado pela música

A CAPA | ACOLHIMENTO

Conjugação de genialidades das letras e das plásticas. Dante e Dalí, separados em vida por uns sete séculos e cada qual em sua arte, prospectam na obscuridade algum raio de luz à finalidade da existência humana. No poema, a visão amedrontadora do inferno e a esperança de vida infinita, sob novo céu e estrelas após expurgados os nossos diferentes pecados e impingido o sofrimento devido aos condenados. Em sua obra, Dalí é cirúrgico ao colocar Dante como único humano nas arcadas onde penam almas e a exaltar toda imensidão da dúvida sobre o viver. O manto do mistério ali predomina. Provocadores que foram, invocam os sentidos de gratidão e justiça como antídotos à soberba, à vanglória e à vaidade. A pintura de Dalí, da centúria que produziu inspirado em *A Divina Comédia*, tem aqui o propósito de reverência ao mentor da revista Iátrico, Dr. João Manuel. Ele tinha especial apreço ao quadro (Inferno 10 – *Farinata* ou *Hereges*), que ocupava lugar de destaque em sua casa. A leitura que fazia da obra era "acolhimento", substantivo maior na conduta do médico.

EXPEDIENTE

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ - CRM-PR
Presidente: Cons. Wilmar Mendonça Guimarães | Vice-presidente: Cons. Roberto Issamu Yosida
IÁTRICO - EDIÇÃO nº 36, agosto de 2017
Publicação Científica-Cultural do CRM-PR - Rua Victório Viezzer, 84, Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340
E-mail: iatrico@crmpr.org.br | Versões científica e eletrônica disponíveis em: http://www.crmpr.org.br/publicacoes
Editor-fundador: João Manuel Cardoso Martins (in memoriam) | Editor-jornalista: Hernani Vieira | Jornalista assistente: Bruna Bertoli Diegoli
Revisão: Lisandra Pezoti | Projeto Gráfico: Leonardo Escorsim | Diagramação: Victória Romano | Impressão: 27.000 exemplares - Gráfica Cromos

A linha tênue entre **herói e vilão**

O melhor do médico não está no que diz, mas no que faz e que fica.

Certo dia, numa conversa informal, um amigo com formação em áreas biológica e social confidenciou a sua grande decepção com determinado médico, que ganhou alguma notoriedade momentânea em seu campo de atuação. Relatava ele que o mesmo profissional que salvara a vida de seu pai, num primeiro momento, fora negligente, depois, e contribuiu para encurtar a sobrevida. Os extremos de vilão e herói, que invertem papéis num estalar de dedos ou, num olhar mais ou menos responsável, são situações tão presentes no cotidiano médico, como de quem lida com informação sobre saúde e medicina. Assim, pus o sistema auditivo em alerta para, mesmo sob a visão singular, tentar entender um pouco mais desse sentimento tão efêmero quanto contraditório.

O narrador falou de milagre o que tinha ocorrido com o pai, "desenganado" pelos profissionais que o teriam assistido, num primeiro momento. O novo médico ofereceu esperança mínima à família, dada a complexidade do procedimento diante da enfermidade. Algo como um por cento em cem. A cirurgia foi um sucesso e o paciente teve alguns bons anos de saúde satisfatória, até surgir uma complicação. Usando as palavras do amigo: "O médico disse que a primeira cirurgia era de rara possibilidade de sobrevivência, mas que, na nova etapa, era algo como tirar um cisco do olho. Qual nada, um incompetente, um negligente. Foi arrogante, como se fosse um ser superior. A vida do meu pai acabou ali".

Quando não ofereceu esperança, um craque com o resultado; quando ofereceu demais, um incompetente. Mais que ser técnico e ético, o médico também precisa saber dosar as palavras para que o que diz não se volte contra ele. Na medicina, a mentira tem função analgésica quando a verdade dói muito. E a intenção deve ser sempre preparar o ser para a verdade, quer dizer, precisa ser prudente, e cético. Vale para tudo. Deve carregar seu ceticismo como uma bússola, para duvidar da razão, dos sentimentos e dos projetos racionais como um todo. Só assim é livre e não sectário da própria ciência, ou, nas palavras do mestre, a fama ou a notoriedade só é boa para manter trabalho. A autoestima deve ser alimentada por convicções racionais e não pelo aplauso emocional.

No caso em questão, como em outros tantos do dia a dia, um ato de ingratidão, de injustiça? Ou uma corrosão natural de convivência ante os dilemas que nos perseguem? Uma boa verdade é que o melhor do médico não está no que diz, sempre suscetível de erros e más interpretações, mas no que faz, e no que fica.

Enxergamos que a vida médica é um permanente ensaio diante da multifariedade dos problemas e a disparidade das respostas clínicas. Ensinava o Dr. João Manuel Cardoso Martins: "Pena, mas não temos duas vidas, uma para ensaiar e outra para representar. Estamos em cena e precisamos fazer o melhor possível dentre as circunstâncias, sempre embasado na ciência. Assim, use a arte quando a ciência não lhe der respostas."

Fato que o juízo apressado não poupa ninguém, ainda mais em tempos de que todos se julgam bem informados e têm à mão ferramentas ágeis de comunicação, sempre prontas a funcionar como uma guilhotina. Daí, a nobreza do gesto da reverência, do agradecimento despojado de interesses. A recompensa advém da consciência de agir com o máximo de zelo e oferecendo o melhor de sua capacidade profissional.

Luiz Augusto Costa

Exercício de **solidariedade**

Compromisso de doação, gesto de ricos de espírito.

Generosidade, em linhas gerais, é a virtude daquele que se dispõe a sacrificar os próprios interesses em benefício de outrem. O gesto é singular, mesmo que represente o saciar da fome de alguém, salvar uma vida ou financiar ações de filantropia que se voltam à ciência, saúde, educação, aos direitos humanos ou à cultura, podendo proporcionar avanços nesses indicadores em benefício de todos. Na área médica, este exercício é permanente e, na maioria das vezes, não pode prescindir de cumplicidade e solidariedade. Vale para quem necessita e para quem se dispõe a ajudar. As doações de sangue, tecidos e órgãos, neste caso quase sempre em situações revestidas de dor sentimental, hoje fazem parte de uma rotina pelo melhor conhecimento do assunto e receptividade da sociedade, tendo o médico papel preponderante nesse processo de conscientização.

Em abril de 2017, ao completar 86 anos, o fundador do *Duty Free Shoppers Group*, Charles F. Feeney, confirmou que a sua fortuna, outrora estimada em US$ 8 bilhões, estava reduzida a "apenas" US$ 2 milhões, reservada para que ele e sua mulher, Helga, possam garantir seus últimos dias vivendo em um apartamento alugado em São Francisco (EUA). Quando fez o anúncio, estava deixando o seu confortável apartamento ao leste de Manhattan, incorporado ao montante de doações de US$ 600 milhões, que entre os destinos estavam os "companheiros do Atlântico", jovens líderes de países emergentes que trabalham para criar sociedades mais saudáveis e com menos desigualdade.

O ex-bilionário fundou, há mais de 35 anos, a *Atlantic Philanthropies* e a tornou uma das maiores fundações privadas do mundo. Ao longo do período, o mentor da gigante global do varejo manteve em absoluto sigilo a sua ligação com a *Atlantic* e outras organizações de caridade, enquanto ia doando toda a sua fortuna a causas humanitárias. Por esta razão, a *Forbes*, revista americana famosa por divulgar o rol de bilionários mundiais, conferiu-lhe o apelido de "James Bond da filantropia". Aliás, a *Forbes*, juntamente com o *Philanthropic Research Institute*, começou a publicar a lista com aqueles que deram mais dinheiro de suas fortunas para projetos de caridade.

Nascido em Elizabeth, na Carolina do Norte, e tendo atuado como operador de rádio das Forças Armadas, Feeney sempre foi conhecido pelo desapego total aos bens materiais. Até os 75 anos, ele viajava carregando uma mochila de plástico e nem se incomodava em usar relógio de pulso de 10 dólares. Por muitos anos, quando vivia em Nova York, não almoçava nos restaurantes de luxo. Ao contrário, comia hambúrgueres caseiros em um local simples na *East 57th Street*.

As doações da *Atlantic* alcançaram iniciativas em todos os continentes, tendo ajudado a criar o Sistema de Saúde Público do Vietnã e a financiar retrovirais para tratamento da Aids na África. "Eu não estou aqui falando o que as pessoas devem fazer com seu dinheiro, mas acho que há uma obrigação de olhar ao redor e ver como é possível ajudar os outros", declarou Feeney em vídeo publicado pela *Atlantic.*

COMPROMISSO DE DOAÇÃO

Em meados de 1990, Steve Jobs provocou Bill Gates, dizendo que não queria ser o homem mais rico no cemitério. Quase década e meia depois, os dois bilionários concediam, juntos, uma entrevista durante a D5 Conference, para anunciar novos tempos na filantropia e um olhar diferente dos ricos para a miséria mundial. Em seguida, Gates e Warren Buffett, financista também

Marcos Damásio

Katiê Müller

Antonio Costa

na lista dos mais ricos do mundo, lançavam *The Giving Pledge*. Este "compromisso de doação" era um convite aos bilionários americanos a doarem a maioria de sua fortuna para causas de caridade, seja isso em vida ou depois de morrer. A causa ganhou corpo entre as pessoas que possuem muito mais dinheiro do que precisariam para viver e, hoje, são mais de duas centenas de abastados que se comprometeram a doar parte de suas riquezas em prol de causas que atendam aos interesses da coletividade global, em especial às pesquisas, à saúde e aos projetos incentivando a igualdade social.

As estimativas são de que o fundador da Microsoft, Bill Gates, e sua mulher Melinda já tenham doado em vida US$ 31,5 bilhões, ou 41% de sua fortuna. A instituição de filantropia *Gates Foundation* beneficia movimentos pela redução da fome, pobreza e doença. Eles têm projetos que englobam desde a agricultura na África até construções para necessitados no estado de Washington. Também já investiram no combate a doenças como poliomielite, HIV, malária e tuberculose.

> "EU NÃO ESTOU AQUI FALANDO O QUE AS PESSOAS DEVEM FAZER COM SEU DINHEIRO, MAS ACHO QUE HÁ UMA OBRIGAÇÃO DE OLHAR AO REDOR E VER COMO É POSSÍVEL AJUDAR OS OUTROS."

O megainvestidor Warren Buffett, presidente do conglomerado *Berkshire Hathaway* e um dos homens mais ricos do mundo, já teria doado US$ 22,7 bilhões (37% da sua fortuna). E se comprometeu a concretizar a doação de 99% da fortuna ainda em vida. Mark Zuckenberg e a esposa Priscilla Chan anunciaram, logo após o nascimento da filha, que doariam, no decorrer de sua vida, 99% de suas ações no *Facebook* (que valem 41 bilhões de dólares). O húngaro-americano George Soros, presidente

Sem Terra, Mário Cezar

de um fundo de investimentos que leva o seu nome e da *Open Society Institute,* já teria doado, na vida, 47% da sua fortuna (US$ 11,4 bilhões) nos últimos anos, em iniciativas voltadas aos direitos humanos, imigrantes, pessoas com deficiência e liberdade de imprensa.

O magnata norte-americano Michael Rubens Bloomberg, fundador da empresa de comunicações *Bloomberg* e ex-prefeito de Nova York, já teria doado 10% de sua fortuna (US$ 3,7 bilhões), tendo entre os projetos um para recuperar a população de peixes no Brasil, Chile e Filipinas. A Família Walton, fundadora da *Walmart*, já doou em vida R$ 5,3 bilhões (4% da fortuna), com os últimos investimentos direcionados à educação infantil e à conservação ambiental. O matemático James Simons e sua mulher, Marilyn, que controlam a *Simons Foundation,* doaram vultosa soma em pesquisas em autismo e também em educação e ciência.

Hansjoerg Wyss, empresário suíço que em 2012 vendeu a fabricante de produtos médicos *Synthesis* para a *Johnson e Johnson*, por 20,2 bilhões de dólares, passou a se dedicar à instituição de caridade que leva o seu nome. Gordon e Betty Moore, casal que fundou em 2000 a *Gordon & Betty Foundation*, já doou 45% de sua fortuna (US$ 2,8 bilhões), sobretudo para projetos de ciência e meio ambiente. Os norte-americanos Eli e Edythe Broad já doaram 55% de sua fortuna (US$ 4,1 bilhões). A Fundação *Broad* é focada principalmente em educação, ciências e artes. Em 2015, o casal começou a construir um museu em Los Angeles para expor a coleção particular de mais de 2.000 obras de arte e, no ano seguinte, ajudou a expandir a Michigan State University.

A extensa lista de nomes inclui ainda Paul Allen, cofundador da Microsoft; John Doerr, que ajudou a capitalizar *Apple* e *Google*; *Larry Ellison*, fundador da *Oracle*; o bilionário chinês Yu Pengnian, que doou toda a sua fortuna de R$ 1,2 bilhão; o sul-africano Patrice Motsepe,

Roney Saldanha

dono de uma das maiores empresas mineiras do mundo, anunciou o repasse da metade da sua fortuna de US$ 2,2 bilhões a programas de ação social de seu país; o indiano Bhanwarlal Doshi, o "Rei do Plástico", que doou todo o seu patrimônio de US$ 600 milhões para virar monge; e o empresário e milionário austríaco Karl Rabeder, que resumiu sua atitude com a frase: "A minha ideia é ficar sem nada. Absolutamente nada. O dinheiro impede a felicidade".

O empresário sírio radicado no Brasil Elie Horn, ex-presidente do grupo Cyrela, foi o primeiro representante do País a integrar a seleta lista do programa *The Giving Pledge*, criado em 2010 por Bill Gates e Warren Buffett. Em 2016, ele criou o Instituto Liberta, de combate à prostituição infantil, com previsão de investimentos de R$ 1 bilhão em 10 anos, a maior parte do valor em parcerias. Alexandre Grandene, um dos brasileiros mais ricos, doou uma pequena parte de sua fortuna para construção do primeiro hospital veterinário público do País. A unidade de saúde animal inaugurada na Grande Porto Alegre atende animais de rua e os pertencentes a famílias de baixa renda.

COLEÇÃO DE OBRAS DE ARTE

A coleção de 100 xilogravuras de *A Divina Comédia: Dalí rumo ao paraíso de Dante* foi doada pelo empresário e fazendeiro Lover Ibaixe à comunidade de São Carlos (SP), sua cidade natal, e encontra-se agora em exposição permanente no Espaço Cultural Acervo Antônio Ibaixe, fundação que homenageia a memória do seu pai. O são-carlense Lover, que fez sua fortuna em Goiás, faleceu aos 84 anos em julho de 2015, dois anos após o gesto em prol da cultura. O acervo foi adquirido na Espanha, na década de sessenta, pelo fazendeiro junto ao próprio Dalí e sua mulher Gala Dalí, a quem entregou uma coleção de 300 moedas de ouro, de origem austríaca e que herdou da família.

A imagem que ilustra a capa da revista **IÁTRICO** é uma das que integram o conjunto artístico, o qual desde 1963 ficou guardado em um banco de Goiânia. Saiu pela primeira vez em 1999, de forma parcial, para uma mostra em Goiânia. Todo acervo foi apresentado somente em 2002, em uma exposição na Câmara dos Deputados, em Brasília. Outras reproduções da mesma obra que Dalí criou para o 700º aniversário de nascimento de Dante Aligheri já foram expostas em algumas cidades brasileiras, inclusive Curitiba. Não há estimativa do valor da coleção.

Átila Alberti

Adeus à vida sob o **sentimento de gratidão**

Pedro Serápio

O neurologista e escritor inglês Oliver Sacks fez uma comovente despedida em carta publicada, em fevereiro de 2015, no jornal americano *The New York Times*. Aos 81 anos, contou que estava com câncer de fígado em avançado estado, mas que pretendia viver o tempo que lhe restava da maneira mais intensa, rica e produtiva possível. "Sinto-me intensamente vivo, e quero e espero, no tempo que resta, aprofundar minhas amizades, dizer adeus aos que amo, escrever mais, viajar, se eu tiver forças, alcançar novos níveis de compreensão e entendimento. Acima de tudo, fui um ser consciente, um animal pensante, neste belo planeta, e só isso já foi um enorme privilégio e uma aventura", referiu-se o professor de neurologia e psiquiatria, estudioso de temas como percepção e consciência.

O autor de obras como *Tempo de despertar* e *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*, foi enfático em sua carta-despedida: "Não posso fingir que não tenho medo. Mas meu sentimento predominante é a gratidão. Amei e fui amado, recebi muito e dei algo em troca, li, viajei, pensei, escrevi. Tive meu intercurso com o mundo, o intercurso especial dos escritores e leitores". Pouco mais de seis meses depois, em 30 de agosto, ele faleceu. O texto e outros três publicados desde meados de 2013 deram origem à obra *Gratidão* (Gratitude, no título original, Companhia das

Letras), onde exalta a singularidade de cada ser humano e o dom da vida, fazendo reflexão sobre o significado de se conduzir uma existência que valha a pena e, assim, pavimente o caminho para enfrentar a própria morte da melhor forma.

No adeus à vida, são muitos os exemplos na história de despedidas conscientes e inspiradoras. A grande maioria está presente entre os anônimos no cotidiano médico, muitas vezes sem a chance de um tempo para melhor compartilhar suas reflexões. Oliver Sacks havia sido diagnosticado com um melanoma ocular nove anos antes. O tratamento incluiu a remoção do tumor, mas o deixou cego de um olho e metástases, embora raras em casos como o dele, que não o pouparam. "Eu estou entre os 2% desafortunados", brincou num dos derradeiros ensaios, quando ainda era capaz de nadar "uma milha" por dia, como citou.

Oliver Wolf Sacks era o caçula dos quatro filhos do casal judeu do norte de Londres Samuel Sacks, médico falecido em 1990, e Muriel Elsie Landau, uma das primeiras mulheres a se tornar cirurgiã na Inglaterra. Em Nova York desde 1965, já no ano seguinte ele começou a trabalhar como neurologista no Hospital Hospital Berth Abraham, no Bronx. Tratou de um grupo de pacientes que esteve por décadas em estado catatônico. Este caso inspirou-o a escrever o livro *Awakenings* (1973), adaptado para o cinema e que no Brasil ganhou o título de *Tempo de Despertar*.

"NÃO POSSO FINGIR QUE NÃO TENHO MEDO. MAS MEU SENTIMENTO PREDOMINANTE É A GRATIDÃO."
Oliver Sacks

ADEUS À VIDA E OS LEGADOS

A proximidade da morte já levou outras mentes privilegiadas a refletir sobre a vida. Alguns transformaram essa reflexão em palavras. Um desses personagens é o filósofo escocês David Hume (1711-1776), citado pelo próprio Sacks em sua despedida. Aos 65 anos, ele se descobriu com doença incurável e, num único dia, poucas semanas antes de morrer, montou a curta autobiografia "*Vida de David Hume escrita por ele mesmo*. Na obra, diz: "É difícil estar mais desapegado à vida do que eu estou no presente. A despeito do imenso declínio de mim mesmo, nunca sofri um momento de abatimento do meu ânimo; por conseguinte, tivesse de escolher um período preferido de minha vida para viver novamente, eu seria tentado a escolher este mesmo".

Também escocês, o poeta William Soutar (1898-1943) foi diagnosticado com tuberculose em julho e, até morrer, em outubro, dedicou-se a escrever seus últimos meses de vida, publicado depois como *Diário de um moribundo*. Na obra, medita: "Eu me pergunto se os mortais se dão conta que a enfermidade torna maravilhosas as ações mais ordinárias".

Já o jornalista britânico Christopher Hitchens (1949-2011), diagnosticado com câncer no esôfago, fez publicar na revista *Vanity Fair* sete artigos sobre a experiência de estar morrendo. Neles, abordava o progresso da doença, a quimioterapia e as causas que defendia, como o combate ferrenho à religião. O conjunto deu origem ao livro póstumo *Últimas palavras*, onde narra de maneira lúcida como viu a morte chegar nesta terra que nomeou "Tumorlândia". Suas palavras: "É possível se acostumar ao espectro da morte como um velho entediado e letal, espreitando no corredor no final da noite, esperando uma oportunidade de me abordar. E não me oponho a ele segurar meu casaco daquele modo formal, como que me lembrando que é hora de seguir caminho."

O historiador e escritor britânico Tony Judt (1948-2010) lecionava na Universidade de Nova York, em 2008, quando foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), que em pouco tempo paralisou o seu corpo. Em janeiro de 2010, sete meses antes de morrer, ele narrou o célebre artigo "Noite", publicado na revista *New York Review of Books* e depois reproduzido na revista **IÁTRICO**. Referiu-se à deterioração do corpo por causa da doença como "um aprisionamento progressivo sem liberdade condicional". Logo adiante decreta: "Em comparação com quase todas as

"SEM A DOENÇA E A MORTE, A VIDA NÃO TERIA VALOR EM SI MESMA. A URGÊNCIA DO VIVER DETERMINA EM PARTE NOSSAS ESCOLHAS E SEU SIGNIFICADO."

outras doenças graves ou mortais, ficamos à vontade para contemplar tranquilamente e com mínimo desconforto o avanço catastrófico de nossa própria deterioração". Preso em seu leito e com auxílio de amplificadores, narrou a outro historiador, Timothy Snyder, suas considerações que se traduziram em seu último e surpreendente livro – *Pensando o Século XX* –, anamnese brilhante da história do século passado e com status de o mais valioso legado intelectual de Judt.

O escritor, educador, teólogo e psicanalista Rubem Alves (1933-2014), que tem entre suas inúmeras obras *O Médico*, tinha a existência como tema recorrente em suas crônicas, amparado por seu vasto estudo no campo religioso. Na cerimônia fúnebre, realizada em julho de 2014, em Campinas (SP), foi lida uma carta que ele escrevera nove anos antes e que, além de reflexões sobre a terminalidade da vida, deixara instruções para quando sua hora chegasse, como a declamação de poemas de autores que cantaram a morte. Tinha sua predileção por Manuel Bandeira, tuberculoso que esperou a vida toda pela indesejada das gentes, que custou a chegar (*"Quero descansar./ Morrer. /Morrer de corpo e alma./ Completamente.../ Quando a Indesejada das gentes chegar/Encontrará lavrado o campo, a casa limpa/A mesa posta/Com cada coisa em seu lugar."*).

Rubem Alves deixou exarado: "Não tenho medo da morte, embora tenha medo de morrer. O morrer pode ser doloroso e humilhante, mas à morte eis uma pergunta: voltarei para o lugar onde estive sempre, antes de nascer, antes do Big Bang? Durante esses bilhões de anos, não sofri e não fiquei aflito para que o tempo passasse. Voltarei para lá até nascer de novo". Pensador libertário, Rubem, em uma de suas palestras no CRM-PR, deixou sua mensagem, agregando amar e viver como se ter um pássaro pousado no dedo: "Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar".

O médico, professor, escritor e poeta João Manuel Cardoso Martins (1947-2014) foi intenso em tudo que produziu, boa parte compartilhada com médicos e estudantes na revista **IÁTRICO**, da qual foi mentor e editor por 12 anos, e que se soma aos livros *Jaculatórias – Dicas para o dia a dia do médico* e *Primeiras impressões – Iátrico em perspectiva*. Foram mais de cinco anos enfrentando com coragem um câncer, preparando sua despedida com muita serenidade e ensinamentos. "Sem a doença e a morte, a vida não teria valor em si mesma. A urgência do viver determina em parte nossas escolhas e seu significado", incluiu entre os seus afamados jatos de ideias para ler e refletir.

"QUANDO CHEGAMOS PERTO QUEREMOS SER CÚMPLICES DO PASSADO, REMEMORAR O QUE A MEMÓRIA AMOU E DEIXOU ESPARSA NO TEMPO QUE NÃO É MAIS NOSSO."

Em um de seus escritos finais, assinalou: "Quando chegamos perto, queremos ser cúmplices do passado, rememorar o que a memória amou e deixou esparsa no tempo que não é mais nosso. Quando chegamos perto queremos captar os instantes que nos felicitaram, que nos fizeram dizer: valeu a pena! E são tão poucos!". A poesia sempre foi a sua fiel companheira, até seus últimos dias. Dizia que a usava por ser bela e livre, por suscitar o inesperado, provocar reações, daí a alma. "Ao lê-la, ensina que somos obrigados a tirar algo de nós. Mais que isso, nada ou ninguém pode se apropriar desse sentimento".

João Manuel não teve tempo para publicar coletânea com suas reflexões mais recentes, livro ao qual pretendia dar o nome de "Mensagem", numa correlação com a única obra publicada em vida por Fernando Pessoa, seu poeta preferido e inspirador, além de português, como ele. *João em Pessoa* ganhou edição em 2016, em formato de entrevista, onde compartilha um pouco de suas experiências e faz a

A realidade rude

Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), médico e escritor dos melhores que Portugal já teve, tinha a personalidade do nome a que se autodenominou. O da urze, planta de sua terra, rude, resistente às interpéries climáticas. Também ele queria ser rude, cortante, não de feitio, mas resistente aos infortúnios e à pequenez e exiguidade da vida. E assim a exerceu. Refratário às glórias da profissão, as teve como escritor, embora o Nobel não lhe fez jus apesar das muitas indicações. Seu fim foi dramático, apesar de ter vivido longa jornada. No seu diário, um dos muitos registros da luta contra o câncer, traz: "De vez em quando, como neste momento, lembro-me vagamente de que já fui um homem válido, ativo, prestável, que não concebia tempos vazios na existência. Que os enchia todos de esforço e esperança. Mas cheguei a uma miséria tal que nem saudade tenho desse outro que tanto batalhou e sofreu para nada e me parece agora uma ficção".

defesa de princípios éticos e de honestidade, sinalizadores para os médicos no trato com a profissão.

Falando sobre morte em sua entrevista, João Manuel disse entender que ela está bem colocada como está. "Eu prezo a morte no sentido da boa morte, aquela que vem e leva a pessoa sem sofrimento, calmamente, sem maiores traumas. Tenho medo do sofrimento doloroso e da limitação que possa ocorrer por doença e de doenças prolongadas que não levam a nada. Então, eu gostaria de ter uma boa morte. Essa é a minha profissão. Respeito a morte. Nem amigo, nem inimigo. Eu diria o seguinte: estou pedindo mais prorrogação. Se eu estou pedindo mais prorrogação, é porque acho a vida interessante. Mas sou resignado. É assim o jogo. Vai terminar aos 45 minutos do segundo tempo? Acabou!"

BAGAGEM

O que se leva dessa vida é o que se deixa
Memória acessa e palavras cravadas
Páginas escritas e viradas
O arrepio ao mexer nas longas madeixas

O que se leva dessa vida é o que se desapega
A árvore que se planta para outro
Os filhos que se cria solto
A ajuda pedida que não se nega

O que se leva dessa vida é o que se marca
Caminhos de lágrimas em rosto pálido
Ruborizar das faces em beijo cálido
O adeus anunciado em breve carta
O que se leva dessa vida é o que se ensina
Os primeiros passos na estreia do espetáculo
Conseguir levantar dos tombos de cada ato
O fio de esperança no fechar da cortina

O que se leva dessa vida é o que se constrói
Legados transcritos em cada coração
Laços eternos de interdoação
Em um dividir de almas que não dói

O que se leva dessa vida é o que se fala
Por versos em rima soante
Em declarações ditas à amante
Com olhar que grita quando se cala.

Isadora Cavenago Fillus (PR).

★ *Acadêmica da Faculdade de Medicina Oeste do Paraná – Campus Francisco Beltrão, autora da poesia premiada em 1.º lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016.*

Gracias a La Vida

Minha gratidão pela fé sem a hipocrisia que mora em todos nós.

Deisi Casarim

Vivemos numa época em que as "tendências" acabam se tornando obrigatoriedades, principalmente quando os pensares corporativos descobrem novas formas de produzir lucros e melhorar a gestão. Nosso mundo não para e sentimos certo prazer obscuro nessa velocidade.

Surge então a palavra Gratidão repetida infinitamente como forma de cumprimento nas redes sociais, como indicação científica para a melhora da pressão arterial e do sistema imunológico, como técnica a ser utilizada com o objetivo de melhorar o desempenho pessoal.

Gratidão, do latim *gratia*, significa graça, algo agradável, um reconhecimento por tudo que recebemos sem a obrigatoriedade do louvor. Para alguns Hebreus, agradecer é louvar; para alguns Judeus, o conceito de gratidão se aplica a render graças a Deus ou "pagar" a conta aos moldes de Abraão.

Sem verdades absolutas, gosto de pensar numa gratidão sensorial que envolva amor, respeito, compaixão e simplicidade. Gosto da emoção que a gratidão desperta.

Em Bali, os sinais dos deuses são respeitados e existe um profundo amor à natureza. As pessoas rezam, trazem oferendas e agradecem em templos naturais, além dos edificados. Uma cultura que causa surpresa a alguns olhos ocidentais e que deve ser respeitada.

Admiro saberes que me fazem repensar minhas crenças e, ao reconhecer no Oriente a Santificação de todos os seres vivos, percebo uma valorização do intangível. É um incentivo à reflexão e à meditação como forma de explorarmos o que nossos sentidos não captam naturalmente.

Encontro na gratidão um elo, uma emoção que envolve mais sentimentos do que obrigações. Uma espontaneidade que habita o coração.

Mercedes Sosa cantava "Graças à vida, que me deu tanto". Meu coração agradece a Deus pela Vida e a Jesus na crucificação que me ensinou sobre a minha finitude terrena.

Minha gratidão pela fé sem a hipocrisia que mora em todos nós.

Deisi Casarim (SC).

Arquiteta e artista plástica, de Joinville.

Seu nome, **gratidão!**

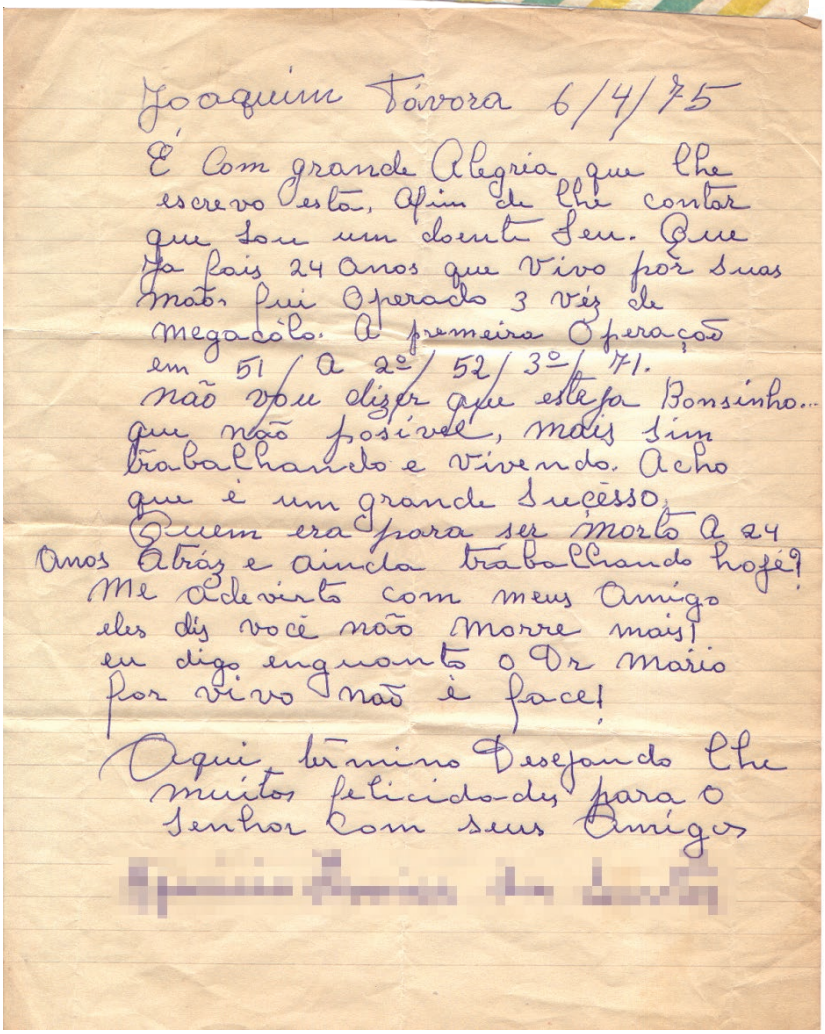
Quanto mais nobre, mais polar a profissão, mais passional a reação.

O velho professor de tantos docentes tira do bolso do avental a carta e diz ao discípulo:

– Toma uma carta de amor. Um dia saberás a dimensão disso para um médico, mesmo vivido.

A cada momento que presenciamos pessoas ou a mídia denegrirem a imagem médica, justificadamente ou não, acusamos o golpe. Sentimos um pouco o chamado martírio da carne, mesmo que simbolicamente. Sabemos que o reconhecimento costuma ser silencioso. Já a incompreensão, um alarido desconexo. Quanto mais nobre, mais polar a profissão. Mais passional a reação.

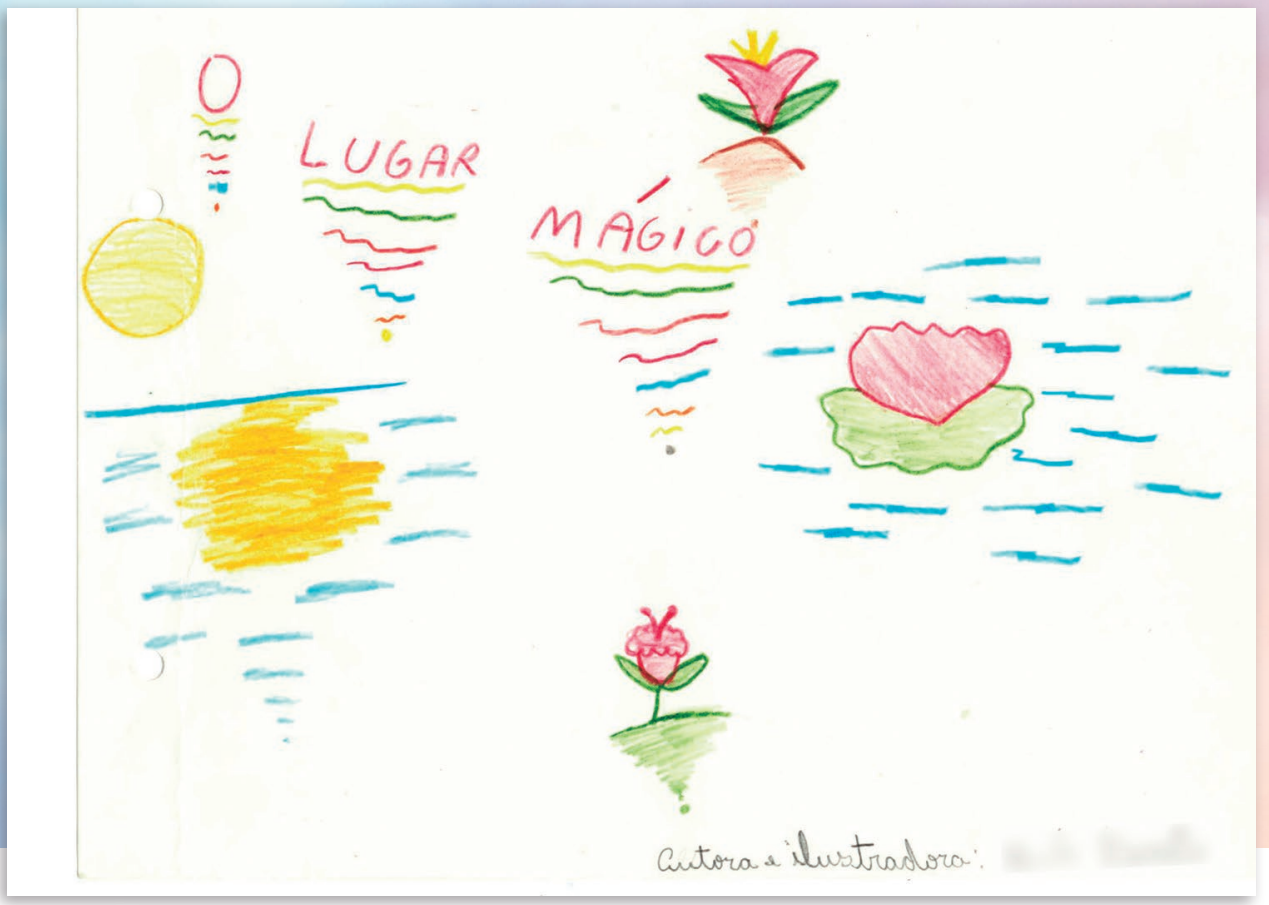
No entanto, na carta histórica, nada tem de fronteiriça. Tem a serenidade de quem pensou antes de escrever. E foi autêntico. Tanto que o amarelo do tempo não fez perder o seu viço. Por trás do português ruim, mostra um paciente de carne e osso; o reconhecimento de alguém que, ajudado, destila uma alma em estado puro, certamente inocente, mas grato pela meia vida concedida. E valorizada. Um ato de amor. Se fosse culto, teria escrito: *Gracias a la vida, que me há dado tanto*.


Joaquim Távora 6/4/75

É com grande Alegria que lhe escrevo esta, afim de lhe contar que sou um doente seu. Que ja fais 24 anos que vivo por suas mãos fui Operado 3 vêz de megacólo. A primeira Operação em 51 / a 2ª / 52 / 3ª / 71. não vou dizer que estaja Bonsinho... que não fosivel, mais sim trabalhando e vivendo. Acho que é um grande Sucêsso, Quem era para ser morto a 24 Anos Atráz e ainda trabalhando hoje? Me Adevirto com meus Amigo eles dis você não Morre mais! eu digo enquanto o Dr Mario for vivo não é face!

Aqui, têrmino Desejando lhe muitos felicidades para o Senhor com seus Amigos

Infância **SINCERA**



Quando se trata de educar as crianças, a gratidão é certamente um dos valores mais apreciados e respeitados. Filhos estimulados a terem iniciativas de agradecimento e solidariedade ajudam a criar um lar mais alegre, e um futuro mais promissor. É do exemplo que se incute esse valor. Começa certamente pelos pais, passando pelos educadores.

Os médicos têm papel relevante nesse processo e esse se manifesta a partir de seu gesto atencioso para com o paciente mirim e seus pais ou os familiares que o acompanham. Quaisquer sejam as circunstâncias, o que a criança deve testemunhar é uma relação reverente, cortês. Um referencial a moldar suas atitudes e comportamentos; também a credencial de segurança em relação à figura do profissional médico. Personaliza-se o respeito a guiar as demais etapas de sua vida.

A historinha em quadrinhos, criativa até em seu formato, exibe

toda a confiança e gratidão de uma menina para com seu pediatra. A começar pelo título, quem sabe sob influência dos contos infantis que lhe estavam à mão na época. Em abril de 2003, quando do gesto carinhoso, ela tinha apenas sete anos e cinco meses e imaginário próprio da idade para estabelecer as suas figuras protetivas e as respostas ao seu bem-estar advindas de "um lugar mágico": um médico em harmonia com seu consultório adornado por quadros e com brinquedos e outros objetos lúdicos e chamativos às crianças.

O cartão integra o acervo de "relíquias" juntadas pelo médico ao longo de sua carreira. No trecho há quase quatro décadas e meia, ele diz ter em tais manifestações de carinho a fonte renovável de energia, no desgastante dia a dia, para exaltar a nobreza e o esplendor da atividade escolhida. Guardadas as particularidades de cada especialidade, reflete o profissional que por mais empático que possa ser o diálogo e a convivência com a criança-paciente, não estará imune à espontaneidade e sinceridade próprias a ela.

O pediatra também recomenda: "O médico deve estar preparado para tais revezes, ainda mais em tempos de 'crianças terceirizadas' e de conectividade total, onde as ingênuas histórias da literatura infantil são sufocadas pelo exagero de uso de tecnologias, criando os nativos digitais. Nossos pacientes, mesmo que na infância ou adolescência, já

A HISTORINHA EM QUADRINHOS, CRIATIVA ATÉ EM SEU FORMATO, EXIBE TODA A CONFIANÇA E GRATIDÃO DE UMA MENINA PARA COM SEU PEDIATRA.

exibem um perfil mais crítico, mais resistente a observações. Exige-nos resiliência, estreitar os mundos".

Este mundo globalizado e conectado permitiu-nos achar a autora e ilustradora da obra que dá origem a este texto. Ela mora há uns 150 km da capital e está prestes a concluir graduação em Psicologia. Ainda reflete sobre os caminhos a seguir na profissão, mas não tem dúvida de que a confiança é indispensável entre aqueles que buscam e os que oferecem seus serviços na área de saúde.

O pediatra, ela relembrou, foi o assistente de sua mãe ainda na fase adolescente e conquistou o respeito da família por sua atenciosidade e destreza profissional. Assim, relata, ela, a irmã e também uma prima – hoje enfermeira – contaram desde bebê com atenção do mesmo médico. Ela, dos oito meses aos dois anos, teve consultas mensais. Depois, devido à distância de Curitiba, o tempo era mais espaçado e de acordo com as necessidades, o que se seguiu até os 10 anos de idade. Sobre o gosto pelas artes, disse ter sido estimulada pela mãe, professora.

Aqui, não é relevante nomear o médico que recebe a referência de gratidão da ex-paciente pelas boas influências que hão de sinalizar até condutas em sua vida profissional. O importante é que ele, o médico, tenha a convicção de ter cumprido com louvor a sua missão hipocrática sob o olhar atento às necessidades e modernidades.

Augusto Júnior

Zé Eugênio

O **marujo** sonhador

Enfeitiçado, acreditou que havia uma sereia a chamá-lo e atirou-se ao mar.

A notícia correu como um raio, de boca em boca, por toda Esparta. A bela rainha Helena, esposa do rei Menelau, tinha desaparecido. Dentre as suspeitas pelo seu desaparecimento, falava-se da possibilidade de ela ter sido raptada pelo príncipe Paris, de Troia. O jovem príncipe tinha sido hóspede do palácio real e tinha despertado muito ciúme no monarca, que o tinha surpreendido várias vezes com olhares cobiçosos para sua esposa.

Helena, filha de Leda, era extraordinariamente bela, motivo de orgulho para seu truculento marido, bem mais velho do que ela. A fúria do rei Menelau ultrapassou as fronteiras de Esparta, chegando ao conhecimento de todos os outros reis da Grécia. Emissários correram pressurosos por todo o País, levando mensagens. A maioria dos monarcas concordou que a honra de Menelau deveria ser resgatada e só a invasão e a destruição de Troia seriam o merecido castigo pela ousadia e desfaçatez do jovem príncipe.

Ulisses, rei de Ítaca, filho de Laertes, era um monarca sábio e amante da paz, longe da belicosidade da maioria dos reis. Mesmo assim, concordou com a ideia da guerra contra Troia, uma vez que a honra de um rei tinha sido manchada e os outros, ofendidos. Convocou, pois, os jovens do reino para compor o exército que seria comandado por Menelau, na campanha contra a insolente Troia.

No exército de Ulisses, destacava-se um valoroso jovem, de nome

Aliocha Maurício

Iannis, que desde logo demonstrou muita coragem no manejo da espada e na habilidade no tiro com arco. Ulisses, que era um hábil arqueiro, ficou entusiasmado com o rapaz e passou a tratá-lo como um filho, uma vez que o seu, Telêmaco, tinha ficado em Ítaca, com a mãe. Durante a guerra, o jovem destacou-se como um destemido guerreiro, tendo tomado parte em vários combates com excepcional perícia e valentia, não tendo sofrido mais do que pequenos ferimentos.

Como a história registrou, a guerra de Troia durou vários anos e nenhum dos contendores podia se julgar vencedor. Se os gregos venciam uma batalha, logo os troianos venciam outra e, assim, a vitória não sorria para nenhum dos lados. Ulisses, que era muito inteligente e estava ansioso por que a guerra terminasse, para poder voltar para sua linda Penélope, resolveu usar de um estratagema. Escondeu vários navios em uma enseada longe de Troia, ordenou que os desmontassem e que a madeira fosse usada para a construção de um imenso cavalo, que poderia ser entregue a Troia, simulando com isso uma capitulação dos gregos.

O cavalo foi construído, sob a direção de Epeu, hábil artesão, com um compartimento onde alguns soldados poderiam se acomodar e uma portinhola muito bem disfarçada. Ulisses escolheu muito bem os homens para a missão e Iannis foi um deles. O cavalo foi levado até a porta e os troianos o trouxeram para dentro, em meio a uma grande festa. À noite, os soldados abriram a portinhola, saltaram, atacaram a guarda troiana e abriram os portões. O resto da história é bem conhecido, com o incêndio, o saque e a destruição da cidade.

Voltando para a Grécia, Ulisses e sua tripulação enfrentaram vários problemas. Ao passar por uma ilha próxima à Sicília, ficaram encantados com a beleza do lugar e resolveram ancorar. Encontraram uma caverna, onde entraram sem saber que era a morada de Polifemo, um gigante ciclope, filho de Poseidon e da ninfa Teosa. Polifemo estava extremamente irado e com seu orgulho ferido por não ter conseguido o amor da bela Galateia. Investiu contra os gregos, devorando alguns. Como havia na ilha muitas parreiras, Ulisses teve a ideia de colher grande quantidade de uva e fazer vinho. Polifemo gostou do vinho, bebeu muito e ficou bêbado, caindo em profundo sono. Ulisses estava pensando em matar o monstro, mas Iannis ponderou que seria muito difícil, devido ao tamanho e à força do gigante. Sugeriu então a Ulisses que o melhor seria cegá-lo para poderem fugir.

Puseram a ponta de um galho no fogo e quando estava em brasa usaram-no para furar o olho do ciclope e escaparam. Poseidon, pai de Polifemo, provocou uma enorme onda para tentar matar os gregos, mas a deusa Atena, protetora deles, os defendeu.

Ulisses sabia que teria que passar por rochedos situados entre a ilha de Capri e a costa da Itália.

Segundo histórias contadas por marinheiros, nesses rochedos havia sereias que cantavam para enfeitiçar os marinheiros e assim atrair os navios, com destruição e morte. Ulisses tomou as precauções para passar por essa região perigosa.

Mandou que o amarrassem ao mastro e os remadores e toda a tripulação tapassem bem os ouvidos com o betume usado para calafetar o navio. Iannis, contrariando a ordem do rei, deixou um ouvido livre para satisfazer sua curiosidade de ouvir o canto. Subitamente, começou a ouvir o que parecia vir do céu, uma música maravilhosa, que o fez pensar que eram deusas cantando.

Enfeitiçado, acreditou que realmente havia uma sereia a chamá-lo para um encontro de amor e atirou-se ao mar.

Nunca mais se ouviu falar do valoroso jovem e ninguém soube se ele conseguiu nadar até o rochedo para o sonhado encontro com a sereia. Ulisses lamentou profundamente o desaparecimento do seu protegido. Homero, porém, não falou dele na Odisseia.

Dr. Valdir de Paula Furtado (PR).

★ *Prosa premiada em primeiro lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016, iniciativa conjunta do CRM-PR, AMP, Academia Paranaense de Medicina e Sobrames-PR.*

A difícil **arte de amar**

Das descobertas para tratar e curar
ao desequilíbrio do lesar e dizimar.

Desde a alegada descida da árvore, que teria marcado o início da transformação do antropoide em Homem, sua trajetória tem sido pautada pelo constante afã de deslindar os segredos da natureza, pela contínua atividade cerebral inventiva, pela busca incessante de sua origem e pela solução do enigma que sua própria existência suscita. Esse percurso, no entanto, não tem sido suave, tampouco harmonioso, mas eivado de escolhos que decorrem especialmente da outra faceta do homem, seu psiquismo, dentro do qual se abrigam as consequências do passado e os temores do futuro. O mesmo homem através de milênios construiu artefatos de pedra lascada, descobriu metais que lhe possibilitaram fabricar armas para caçar e guerrear, fez descobertas para tratar e curar, assim como para lesar e dizimar.

A par do desenvolvimento portentoso de sua intelectualidade, a qual lhe facultou grande poder, que até permitiu viajar no espaço e sondar o sidéreo, esse mesmo homem carrega consigo uma herança que provém do ancestral primitivo e fez sedimentar em seu psiquismo a ideia de um ser superior, responsável pelos acontecimentos bons e maus que fugiam de seu controle.

> "OS QUE SE AMAM COMPARTILHAM DE TUDO, MESMO A DOR E AS PROCELAS; DIVIDEM A CRUZ NO INFORTÚNIO E O AMOR PERMITE QUE SE CONSERVE UM ESPAÇO, UM VAZIO SILENCIOSO NA RELAÇÃO, POIS SÓ ASSIM PODERÁ HAVER JÚBILO NOS MOMENTOS DE VENTURA, E AMOROSA SOLIDARIEDADE NOS MOMENTOS DE TRISTEZA!"

Esse Deus, quando descontente ou irado, atemorizava, destruindo ruidosamente com intempéries os feitos do homem. Como contentá-lo? Sua submissão ao temível desconhecido viria dar origem à prática da imolação, ainda presente nos dias atuais como alternativa de caráter político-religiosa.

Uma vez integrando grupos comunitários, seus componentes, comungando ideais idênticos, deram origem a religiões, seitas e partidos que estabeleceram antagonismos de seus seguidores em relação aos que não aderissem à crença ou à filosofia estabelecida, contrários às regras que o grupo socialmente passara a aceitar. Religiões, assim como sistemas político-partidários, tornam obrigatória a perda da voluntariedade individual, para preconizar, de maneira indefectível, conduta ditada pelos preceitos da organização.

Fiéis às normas da organização, católicos levaram à fogueira os que divergissem do que era fundamental para a subsistência da Instituição. Nada escrito poderia ser publicado sem que obtivesse a chancela de *nihil obstat*. Da mesma forma, encontramos cientistas de renome e valor, que aceitaram praticar procedimentos experimentais de consequências letais contra judeus, em nome do nacional-socialismo ditado por Hitler e, no presente, a fidelidade de alguns muçulmanos que os leva à autoimolação homicida, em nome de Deus.

Assim, ao lado do homem capacitado a dominar os enigmas da cibernética ou enfrentar os desafios da astronáutica, do cientista interessado nos mistérios da vida, igualmente subsiste a figura humana do que aterroriza e aniquila em nome de Deus, como resquício da herança primitiva que preconizava

Marcelo Elias

a imolação para o gáudio de Deus.

A difícil arte de amar se explica historicamente em narrativas contidas nos livros sagrados de religiões vigentes. Na Bíblia judaico-cristã, a simpatia de Deus por Abel provocou em Caim o sentimento de inveja e de ira, que culminaram, a despeito da advertência divina, na prática do primeiro homicídio da história do homem.

Do Velho Testamento (1500-450 a.C.) para o Novo (42 d.C.) se transmuda o deus irascível e punidor para uma entidade bondosa e pacificadora – Jesus Cristo – a quem se atribui o Sermão da Montanha. Entretanto, fato que facilmente se comprova é a dificuldade de se encontrar um número significativo de cristãos capazes de agir segundo os ditames do Sermão da Montanha. Aquilate-se esta dificuldade pelo exame introspectivo de nosso próprio proceder, que será capaz de detectar, mesmo entre membros de uma comunidade voltada para a paz, mesmo entre integrantes de seitas religiosas ou grupos filosóficos, pequenas manifestações veladas de desamor e ódio perante nosso semelhante, em nosso encontro cotidiano. São manifestações desinteressadas de desamor, que às vezes não ultrapassam os limites de nosso pensamento, mas encerram o desejo de que algo mal venha acontecer a outrem. Quando então se estende essas considerações para o plano dos prioritários interesses econômicos das nações, dizimar vidas ou reduzir povos à impossível condição de sobrevivência tem sido empreendimento fácil.

> "DIZIMAR VIDAS OU REDUZIR POVOS À IMPOSSÍVEL CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA TEM SIDO EMPREENDIMENTO FÁCIL."

A despeito das dificuldades, não é preciso ser um virtuose na arte de amar; a genialidade para a música, para a pintura ou escultura não está presente em todos os que as praticam, o que não impede que se busque a felicidade com o exercício salutar de assim mesmo praticá-las.

Ama-se o que está diante de nosso coração e, para tanto, ele precisa estar cheio de amor para dar, porque amar é dar amor.

Mas o que é que o coração vê como objeto de seu amor, como justificativa para tal doação? Não é o corpo físico, a cor dos olhos ou o semblante belo de quem amamos, mas o espírito desse corpo físico, a luz que emana desses olhos e a energia que empresta beleza àquele semblante belo. As mãos que tocam, confortantes, ternas, curativas, sua energia canaliza o bem que nos transmite quem amamos!

Tal amor, tão necessário à nossa sobrevivência, por ele se anseia, como anela o caminhante do deserto pela água fresca do salvador oásis.

Quem amamos edifica, aperfeiçoa, reconstrói, alenta, satisfaz; nos aproxima do que é divino e supremo, enfim, nos permite apreciar, com jubiloso prazer, cada segundo da amorosa intimidade, que se estende como ponte a ligar dois corações.

Os que se amam compartilham de tudo, mesmo a dor e as procelas; dividem a cruz no infortúnio e o amor permite que se conserve um espaço, um vazio silencioso na relação, pois só assim poderá haver júbilo nos momentos de ventura, e amorosa solidariedade nos momentos de tristeza!

Amar alguém é querê-lo livre, como objeto da perfeita aliança que, assim, permite a ambos que seja perene a felicidade, mesmo na ausência. A sabedoria celta do Anam Cara nos diz: ..."quando se ama, abre-se a vida para o Outro. As distâncias protetoras cedem e essa pessoa recebe permissão absoluta para entrar no templo mais profundo do espírito... É preciso grande coragem para permitir alguém tão próximo!"

E, como resultado de um amor perfeito, lembro o Cântico (Ct.II, 13):

"A figueira forma seus primeiros frutos.
A vinha em flor exala seu perfume,
Levante-se, minha amiga, minha bela
E vá para você mesma!"

Dr. Reginaldo Werneck Lopes (PR).

★ *Trabalho premiado em segundo lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016.*

Aliocha Maurício

Aniele Nascimento

Sobre **glória e compaixão**

Na impermanência da vida, a orientação para o envelhecer saudável.

Ela escolheu fazer do seu trabalho um aprendizado diário de compaixão e crescimento. Ele escolheu trabalhar objetivamente, sem muitos questionamentos e reflexões. Nem um, nem outro.

Cada um possui sua história de vida e traça seu caminho a partir de suas experiências. E sempre há um pequeno trecho para inspirar-se diante de tanta riqueza de histórias.

Seu Andrade tem 84 anos e mora numa casa de esquina com Antônia, hoje com suas nove décadas de vida. Uma casa antiga com um grande muro e janelas altas, largas e profundas, por elas quase sentia-se o odor agradável dos pães nas quartas-feiras. O fino som do beliscar nas cordas do teclar do cravo fazem as honras para as visitas. Eles tinham o costume, em dias difíceis e de vento, de caminhar à noite até o bar da esquina, para tomar um cálice de vinho. Tinto. Por vezes guardavam a garrafa no bar e chamavam de *Harvest Moon*. Como a música. Era notória a paixão que tinham pela arte, mas o que era sutil e verdadeiramente encantador era a atração da arte pelo amor que tinham um pelo outro. Em volta deles era tudo poesia.

Casaram-se em frente ao museu mais antigo da cidade, nas escadarias brutas e compridas, no entardecer de uma tarde de maio. Ao lado da foto do casamento, sobre a lareira, havia uma foto de Antônia, jovem, sentada, pensando. Quando questionada sobre a foto, ela disse: “Esse foi um dia muito especial. Tudo se revelou naquele instante.” E começou a contar uma pequena história.

Seu sonho era ter sido bailarina ou ter-se tornado escritora. Mas, seguiu a carreira de médica e durante quase 10 anos de formação esqueceu as motivações que a conectavam com o mais íntimo do seu ser. O caminho era sempre tortuoso, difícil e cansativo. Quase não tinha tempo para a família. Sentia-se incessantemente sobrecarregada.

Então houve uma ocasião em que sua avó materna fraturou o fêmur, foi para a UTI e lá passou seus últimos dias de vida, longe de quem mais amava. Em seguida, sua avó paterna teve um acidente vascular encefálico, ficou com sequelas, acamada durante quase três anos e com dificuldade receber cuidados médicos domiciliares. Ainda, lembra da aflição que sentia pelo descaso acadêmico aos pacientes com doenças em estágios terminais, porque eram raros os cuidados paliativos instituídos. Nessa ocasião, lembra de seu avô deprimido após o médico dizer que ele possuía uma bomba dentro do seu peito, que poderia explodir a qualquer momento, tamanha era a fragilidade do seu coração. Tamanha foi a repercussão do medo instaurado: morreu três semanas depois, de infarto agudo da vitalidade.

E de repente, aquela jovem da foto, sentada, ao ver as propagandas de cosméticos, salientando as terapias antienvelhecimento, sente-se inquieta e vive seu despertar. “Mas eu quero envelhecer. Deixa as minhas rugas e senta aqui, me conta uma história. É essa a terapia a que precisamos nos render”.

Foi então que se inscreveu em um concurso para Residência Médica de Geriatria. Sentiu de forma verdadeira que poderia fazer diferença com seu trabalho. Despiu-se de egos e vaidades. Rendeu-se a um universo inteiro que poderia ser explorado. Dedicou-se a atuar no que havia espaço e no que se apresentou tão claramente no seu caminho, de diversas maneiras. A partir desse momento, as ideias fluíram, o cansaço reduziu e dedicou-se profundamente a um sentimento: a compaixão.

Naquele mesmo ano, conheceu seu Andrade. Ele tinha um olhar distante, como quem pouco se surpreende. Era quieto e calmo. Sentiram-se plenos na

O Guarda Costa, Maria Isabel

impermanência da vida. Através de inúmeras palestras e encontros, Antônia orientou diversas pessoas sobre o envelhecer saudável, prevenindo osteoporose, quedas, doenças cardiovasculares, falando sobre cuidados paliativos, fazendo visitas domiciliares e aumentando a vitalidade de cada paciente a cada consulta.

No seu consultório, a secretária, com mais de oitenta anos, preparava chás e conduzia conversas na sala de espera. Havia várias idosas que iam apenas para tomar uma xícara de chás e conduzia conversas outra para deixar um bolo de laranja que havia feito no dia e algumas iam para consultar. Mas sempre havia confraternização, risadas e muitas rugas de vidas bem vividas. E essa era a verdadeira glória que buscava, e a vivia diariamente.

No dia em que os visitei, ao saírem de casa, deixaram um abajur aceso e a música ligada, pois gostam de ouvi-la tocando ao retornar. Há quem diga que na volta dançam abraçados. Então, seguiram caminhando na noite, sob a lua de colheita.

Dia de vento, noite de tinto.

Dois, por favor.

Dra. Jaqueline Doring Rodrigues (PR).

★ *Prosa premiada em terceiro lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016, iniciativa conjunta do CRM-PR, AMP, Academia Paranaense de Medicina e Sobrames-PR.*

Incertezas

Aproximei-me dela,
Com cuidado!
Não queria receber um não;
Nem amargar
Uma falsa ilusão.
Por isso, aproximei-me com cuidado!

Mas o não foi um sim!
E a falsa ilusão, a ignorei.
Bastou-me o sim!

E por muito tempo permaneci no sim!

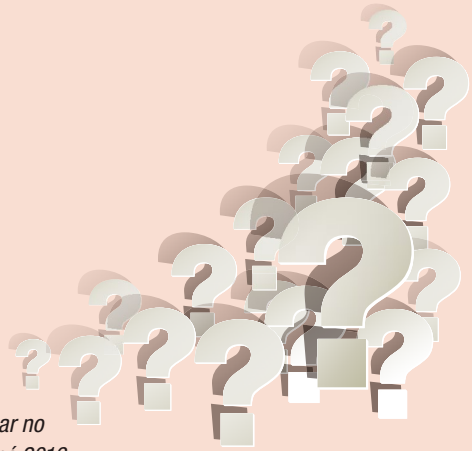
Usei o sim, amei o sim, vivi o sim.
Com ele caminhei muitos caminhos;
Eu e ele; eu e o sim,
Sem pensar no não.
Nem lembrar-me da falsa ilusão.

Todavia nestes trajetos,
O sim parece
Querer ser não
E meio sim e meio não,
Ele prossegue.
Talvez até permaneça!

Porém cada vez mais, sinto o sim
Querendo ser não.
E no crescimento do não
E no diminuir do sim,
Penso cada vez mais
No medo do não.

A esquecida falsa ilusão
(esquecida em virtude do sim)
Agora crescente em virtude
Do crescer do não
E, pelo apagar do sim,
Vivo ansioso
Amando o sim,
Detestando o não
E com medo constante
Da falsa ilusão
Que se agiganta,
E parece mostrar-se verdadeira.

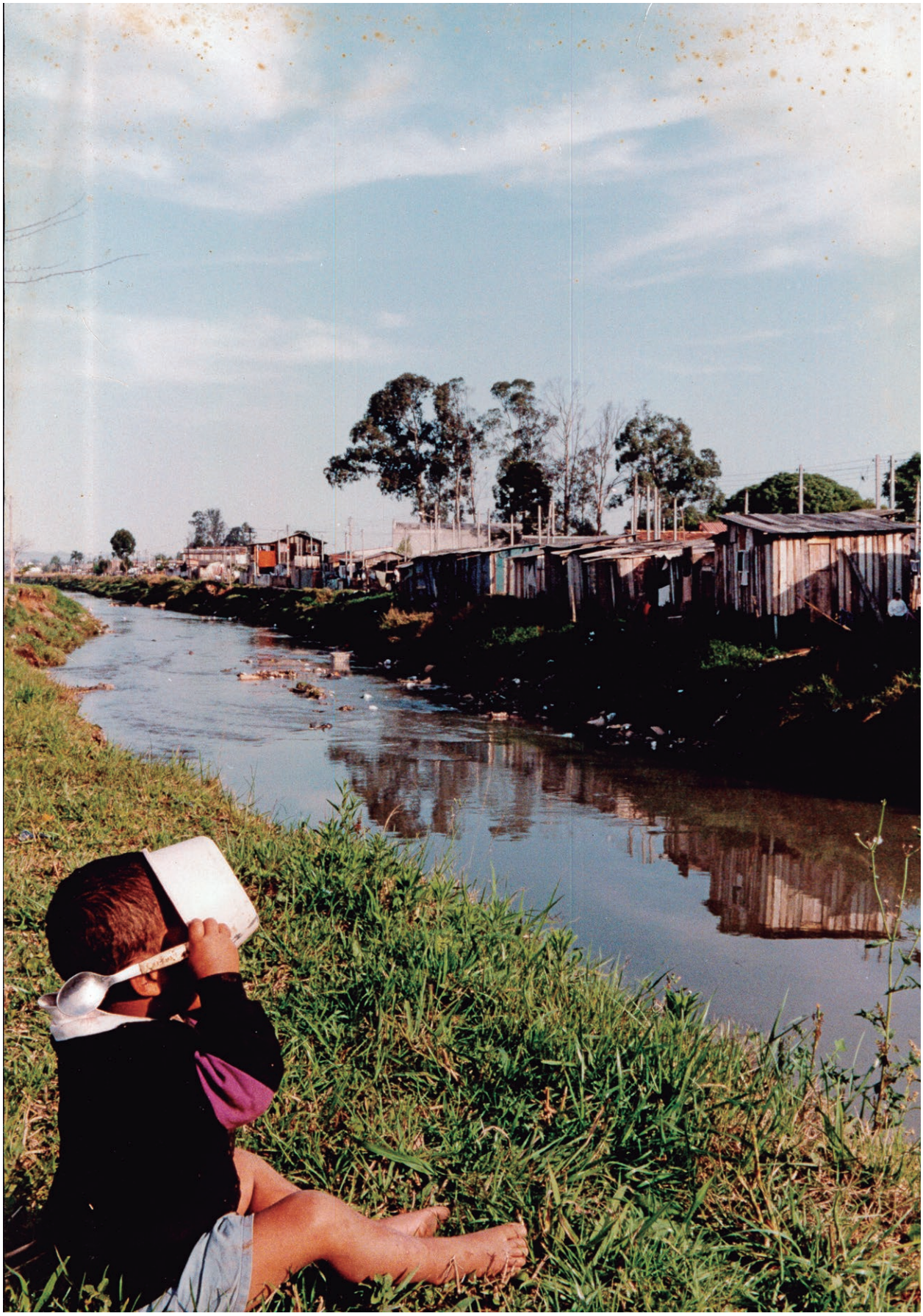
E meu viver, então,
Afoga-se no sim,
Sofre no não,
E se despedaça pela sombra
Que me aparenta ser
A falsa ilusão.



Dr. Lorivaldo Minelli (PR).

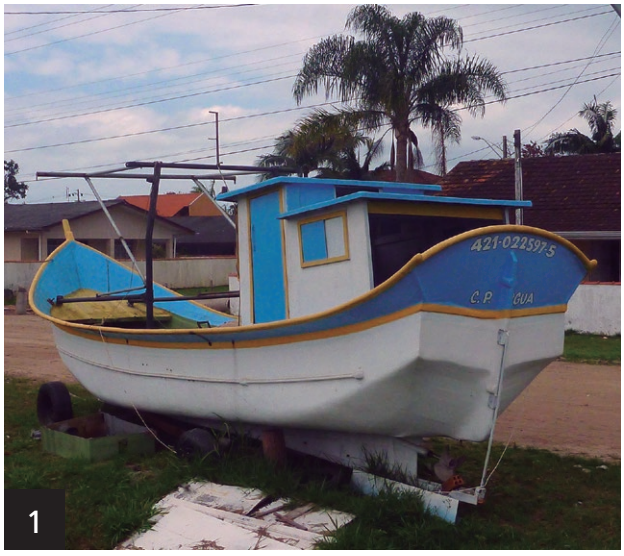
★ *Poesia premiada em segundo lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016, iniciativa conjunta do CRM-PR, AMP, Academia Paranaense de Medicina e Sobrames-PR.*

Marcelo Elias



Evolução **onipresente**

Um olhar sobre a ancestralidade e a descendência das embarcações de pesca.



1

2

Tenho um grande amigo na Alemanha, colega neurocirurgião que muito estimo e cuja erudição me assombra. Nossa amizade é estreita o suficiente para nos tratamos por "Brüder", irmãos. Bem, o Hartmut, este é seu nome, há tempos vem desenvolvendo um interessante tema que ele chama de "neurofilosofia". Sei do assunto através de longas conversas que mantemos durante viagens e de palestras que ele eventualmente faz sobre o tema.

Sobretudo, Hartmut aponta para o fato de que as leis evolutivas, tão fascinantes e evidentes na biologia, estão presentes em quase todas as manifestações culturais humanas; basta atentar por elas.

Como exemplo, ele cita os primeiros automóveis que não passavam de carroças motorizadas; as primeiras composições férreas nada mais eram que uma sucessão de carroças adaptadas aos trilhos. Os primitivos atendimentos odontológicos eram prestados em simples cadeiras que, com o passar do tempo, foram sendo aperfeiçoadas para a função de tal maneira que até hoje as modernas cadeiras de dentista continuam sendo "cadeiras". Assim como as sofisticadas mesas de cirurgia são chamadas de "mesa" e não de camas ou macas, pois os antigos cirurgiões em geral exerciam sua arte sobre a mesa da cozinha do próprio paciente. Hartmut cita os adornos e os galões dos uniformes militares, resquícios de peças de armaduras, com atributos e funções bem diferentes em suas origens. Eu acrescento que até "continência", saudação militar universal, tem sua origem no gesto do cavaleiro medieval ao elevar a viseira de seu elmo e mostrar seu rosto. A continência, portanto, é um gesto que evoluiu de gesto anterior, também com diferente finalidade e significado.

Sabendo disto, sempre estou atento na busca de novos exemplos para colaborar com a coleção do Hartmut.

Tempos atrás, estava chegando a Pontal do Paraná quando vi à margem da rodovia a embarcação da figura 1. Quase não acreditei no que via, tão insólita me pareceu a inesperada aparição.

Ora, ora, pensei, eis um magnífico exemplo para o Hartmut. Este barco, uma pequena traineira, é uma síntese completa de um curioso processo evolutivo que teve sua origem

3

"AS LEIS EVOLUTIVAS, TÃO FASCINANTES E EVIDENTES NA EVOLUÇÃO BIOLÓGICA, ESTÃO PRESENTES EM QUASE TODAS AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS HUMANAS; BASTA ATENTAR POR ELAS."

nas primitivas canoas feitas de um tronco único, como as pirogas dos indígenas. A figura 2 apresenta um apodrecido exemplar de tais canoas, outrora muito comuns em nosso litoral, geralmente de Garapuvu. Para aumentar-lhes o tamanho e torná-las mais competentes no enfrentamento de mar grosso, os antigos carpinteiros canoeiros lhes aplicavam nos bordos uma tábua de cerca de vinte centímetros debruçada para fora, num ângulo aproximado de 45 graus, resultando no aspecto que se vê na figura 3. Sem dúvida, um bom ganho na eficiência do primitivo barco.

Ocorre que praticamente desapareceram Garapuvus grandes, o suficiente para permitir a fabricação de canoas aptas a enfrentar o mar aberto. Desapareceram principalmente em decorrência desta atividade. Com isto, os artesãos canoeiros se obrigaram a buscar alternativas e a encontraram na fibra de vidro, material ideal para, com ele, se plasmar as mais diversas formas de embarcações e outros equipamentos navais, tanto para pesca quanto para recreio.

No entanto, se deu um curioso fato: empregando a fibra de vidro, os construtores navais canoeiros poderiam ter se libertado da antiga forma imposta pelo comprimento e diâmetro do tronco disponível.

Com a fibra, poderiam ter construído barcos mais largos, com bordos mais altos, com quilhas ou proas e popas de forma mais eficientes etc.

Mas não! Passaram a fazer réplicas exatas das antigas canoas sem fazer-lhes alteração alguma, a não ser o material empregado (como o exemplar retratado na figura 4). Não fosse a fibra de vidro e o costume de replicar as antigas canoas, estas estariam quase desaparecidas de nosso litoral.

Agora, difícil de entender é o caso da tal traineira da figura 1. Um barco grande, inclusive com casa de comando, quase um pequeno navio, feito de fibra de vidro, mas ostentando exatamente a mesma forma de uma piroga de Garapuvu!

A figura 5 ilustra os três estágios desta evolução, mostrando a ancestralidade e a descendência destes barcos. O penetrante "meme" formal foi fielmente transmitido de geração em geração.

Resta fazer algumas conjeturas sobre a razão pela qual isto ocorre.

MAR SEM FIM

Onde há a interface do agradável
Na paz inebriante do Firmamento,
No olhar sublime inexplicável,
Na face oculta do sentimento.

Onde reina a boa vontade inexorável
No ritmo da natureza neste mundo,
Na sinergia luminosa toda amável,
No suave amor imensamente fecundo.

Pois o mar sem fim de ideias aparece
No mistério da vida que resplandece,
Na conjectura deste ideal sem fim.

Que na aurora dos sinceros dias,
Que na compreensão das alegrias
Persiste a fé sincera, enfim!

Dra. Jacemar Cristina Rocha da Costa (PR).

★ *Poesia premiada em terceiro lugar no Concurso Literário Médicos do Paraná 2016, iniciativa conjunta do CRM-PR, AMP, Academia Paranaense de Medicina e Sobrames-PR.*

4

5

Madeira

Seria de ordem prática, onde empregado tomou uma canoa de bom tamanho e a partir dele confeccionar um molde para replicar canoas de fibra de vidro? Ou seria talvez apenas uma superstição, característica forte entre pescadores e pessoas simples? Sabe lá. Talvez acreditem dever-se justamente a esta forma o sucesso das pescarias, dado que no passado "mataram" muita tainha com barcos dessas feições. Ao menos os caiçaras de Santa Catarina falam "matar" peixe; provavelmente seja o uso corrente em todo o litoral do Brasil.

O mais provável, no entanto, seja a dificuldade que o homem tem em romper de vez com velhos paradigmas, preferindo arremedar a natureza num processo de evolução lenta e gradual, um passo de cada vez, segundo aponta o arguto Hartmut.

Dr. Cezar Zillig (SC).

Iátricas do leitor

Jornalzinho acadêmico inspirador, mas sufocado pela repressão.

IATROS

Em abril de 2014, o Dr. Elvio Armando Tuoto doou ao CRM-PR exemplares dos números 01 e 02 do jornalzinho acadêmico *Iatros*, publicados, respectivamente, em agosto e outubro de 1974. Filho do médico Armando Salvador Tuoto e especialista em Neurologia e Medicina do Trabalho, o Dr. Elvio formou-se em 1979 pela Federal e atua e reside em Telêmaco Borba. Ele relata:

"O *Iatros*, com o nome em grego mesmo, foi idealizado por mim, aos 18 anos, no primeiro ano da Faculdade de Medicina da UFP, atualmente grafada UFPR. A missão do *Iatros* seria a integração dos estudantes de Medicina das três faculdades de Curitiba da época, através de um quinzenário científico-cultural. Quando o **IÁTRICO** foi lançado, fiquei muito feliz, pois fez-me recordar do *Iatros* e dos bons tempos de faculdade. O *Iatros* teve vida muito curta: apenas dois exemplares. Desisti de editá-lo após ter sido interrogado pelo extinto SNI dentro do prédio da Reitoria da UFP. A ditadura militar impediu a circulação de um ingênuo jornal estudantil. Vale lembrar que as entrevistas com os finados professores Brasílio Vicente de Castro e Sieg Odebrecht, no *Iatros*, adquiriram certo valor histórico nesses mais de 40 anos que se passaram".

I A T R O S
Periódico mensal, científico-cultural
Diretor-Presidente: Elvio Armando Tuoto
Circulação: UFP (Medicina e toda Área Biológica), UCP (Medicina) e FEMPAR
Tiragem: 450 exemplares
Curitiba, outubro de 1974
Preço: Cr$ 0,50

I A T R O S

SANARE DOLOREM OPUS DIVINUM EST

N.o 2

Entrevista Prof. Sieg

Entrevista com o professor Sieg Odebrecht, chefe do Departamento de Bioquímica da UFP e membro do corpo docente da FEMPAR. Realizada por Clovis Wilson Melo e Francisco Muzzo Del Claro.

IATROS — **Por que a Bioquímica, matéria de fundamental importância para o curso médico, é ministrada, na UFP, em apenas dois semestres?**

PROF. SIEG — Não há dúvida nenhuma de que a Bioquímica seja importante para o curso de Medicina ou outros cursos das áreas biológica e tecnológica, uma vez que procura biologicamente ensinar o quimismo inerente aos seres vivos, alimentos e medicamentos. Inteiramente um estudante de Medicina, a Bioquímica é ministrada em dois semestres, devido à necessidade de pouco acelerada, devido a um excesso de disciplinas lidade de ser o semestre letivo de apenas 4 meses no máximo, para os professores e práticos lecionados pela equipe de professores satisfazem as exigências diversificadas. Todavia, os assuntos teóricos e cias do curso e da profissão médica, explicando do Depto. de Bioquímica procura fornecer os fundamentos, para o entendimento qualitativo e ao nível molecular, no que é possível, os fenômenos fisiológicos, tão importantes à clínica quantitativo dos fenômenos patológicos, tão importantes à clínica lógicos e patológicos, tão importantes à clínica de alto gabarito e à pesquisa.

IATROS — **Na Inglaterra, nos EUA e mesmo no Rio de Janeiro, não é exigida dos estudantes de Bioquímica, a memorização de mapa metabólico: o relevante é saber o que é e para que serve. Qual a razão de ainda ser assim aqui? Por que não é o mesmo aqui?**

tas e as adquiridas durante o curso secundário; é lógico, é sabido, que aulas e livros didáticos facilitam muito o aprendizado; mas, é fundamental a qualificação e o esforço do aluno, bem como do professor.

IATROS — **Qual a sua opinião sobre o nível cultural do estudante à cada ano, ao entrar na universidade?**

PROF. SIEG — Não tenho uma opinião precisa sobre o nível cultural e científico do estudante, a cada ano, ao entrar na universidade, simplesmente, por falta de algo que o meça corretamente. Não falta de algo que o meça tem havido nos últimos anos uma decrescente curiosidade e diálogo em aula e crescente dificuldade de compreensão dos fenômenos bioquímicos, inclusive, fico na dúvida se é coincidência, mas resposta ou com resposta errada sobre minhas perguntas de assuntos do curso secundário necessários para a aula; bem como tem aumentado o índice de reprovação em Bioquímica.

IATROS — **Qual idéia faz o senhor do atual aproveitamento geral dos estudantes?**

PROF. SIEG — É difícil para mim avaliar corretamente o atual aproveitamento geral dos estudantes, por falta de dados mais detalhados e precisos. Porém, baseado nas informações de dois últimos anos e nas respostas dos professores dedicados, acredito que o aproveitamento não está devidamente qualificado como deveria ser, o que me deixa apreensivo porque a nossa universidade possui condições para um aproveitamento melhor por parte dos alunos e professores.

IATROS — **Na sua opinião, qual seria a melhor solução para a abolição dos cursinhos pré-vestibulares?**

PROF. SIEG — Na minha opinião a melhor solução seria extirpar as causas da origem dos cursinhos, isto é, a má qualidade de ensino, com raras exceções, nos cursos secundários. Infelizmente, as questões dos exames vestibulares e falta de vagas

Êxito em estudo sobre genética

Um método científico que poderá ser aplicado na alteração de gens de organismos superiores, como plantas e animais foi aprovado com êxito por um grupo de cientistas suíços e britânicos na Universidade de Zurique.

O relatório divulgado por uma publicação universitária, indica que o grupo, dirigido pelo professor Charles Weissman, Diretor do Instituto de Biologia Molecular da Universidade, conseguiu alterar o material genético, base das características hereditárias, através de um simples vírus bacteriano.

Segundo os cientistas, o método poderá eventualmente ser aplicado a animais e plantas mas deverá se passar mais alguns anos até que isso venha a concretizar.

Durante as experiências, que duraram [illegible] anos, os cientistas conseguiram "quebrar" o código genético que controla a multiplicação do vírus. O código é transportado pelo RNA, que é normalmente relacionado com a origem da vida.

Os cientistas substituíram do vírus parte de um total de 4.500 nucleotídeos estruturais do RNA, colocando [illegible] deos falsos. A substituição [illegible] rus de se multiplicar dentro [illegible] nucleotídeo verdadeiro seja [illegible]

"Poderíamos compara[illegible] cional de datilografia qu[illegible] tica, por uma letra", dis[illegible] bemos agora que se [illegible] nético não será mai[illegible] ainda não sabemo[illegible]

O professor [illegible] do das experiên[illegible] pélia de Socie[illegible] em Budapes[illegible] dos cientis[illegible] dica Dona[illegible]

A URSS que **ninguém viu**

Há muito segredo nos porões da KGB e Svetlana é a maior prova disso.

A publicação no Brasil de três livros da ucraniana Svetlana Aleksiévitch – prêmio Nobel de Literatura 2015 – é uma piada pronta. Por muito tempo deve ser contada nos bastidores do mercado editorial, como prova de que não há maior engano do que arrotar a certeza. Svetlana não encontrava quem a quisesse por aqui, nem pintada – simples assim. O argumento era surrado, mas vinha eivado de bases quase científicas: quando o país está na pindaíba, melhor pular qualquer conversa que evoque conceitos ou transcendências. Sofrimento, nem pensar. O que vinga é o escapismo, em suas múltiplas cores e sacolejos.

Nem o mais cândido dos editores acreditava que alguém iria colocar a perigo o já falimentar bom humor brasileiro e se dignar a ler sobre o declínio da antiga União Soviética. O assunto, de resto, soaria tão exótico como a múmia de Lênin, na Praça Vermelha. Quanto mais ao saber que fazia parte do cardápio a tragédia nuclear que por pouco não varreu a Bielorrússia do mapa, 30 anos atrás, pois os sábios e doutos se enganaram. Depois que um burocrata de Estocolmo soltou ao microfone o impronunciável nome de "Aleksiévitch", as editoras tiveram de se coçar – não sem antes demitir seus pareceristas distraídos:

Svetlana é uma das melhores notícias do mundo da não ficção desde Joan Didion ou Janet Malcolm, para citar dois monstros vivos, na ativa e implacáveis. À primeira vista, os temas com os quais lida parecem mel na boca dos "comunistas nostálgicos" ou dos "direitistas ressentidos". Pensar assim, contudo, é pensar pequeno. Tudo o que diz respeito à URSS interessa – de cima, de baixo e de lado. Há muito segredo nos porões da KGB e Svetlana é a maior prova disso.

Vozes de Tchernóbil – a história oral do desastre nuclear; *A guerra não tem rosto de mulher* e *O fim do homem soviético* – todos publicados há pouco pela Companhia das Letras – até podem ter alguns defeitos, mas esses não incluem provocar bocejos, como se previa. Nem mesmo a tragédia de Tchernóbil – evento com lugar cativo nas efemérides – soa a reprise da Sessão da Tarde. Lê-se cada página com apetite, como o se o episódio ainda nos provocasse as mesmas urticárias atômicas do passado. O segredo? A palavra dada a quem tem o que dizer, mas ninguém sabia. Svetlana, para quem não sabe, ouve. É seu trabalho.

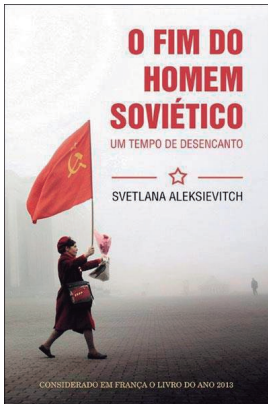
Para desespero dos tarados por fontes documentais, a autora é adepta da história oral, uma espécie de método vira-lata, vítima de rejeição acadêmica e de paixão popular. Mais: nossa amiga é boa no assunto. Svetlana é repórter de rua por formação e tem duas grandes virtudes heroicas. É atenta como a nossa Eliane Brum, a jornalista gaúcha que se tornou pródiga em escutar e escutar os anônimos. E sabe editar, com a maestria dos *publishers* norte-americanos. Ou seja, nunca age como quem secretaria a fonte, mas

como quem a traduz e interpreta. (“daqui para frente, você escreve... Não quero mais falar”, decreta um de seus entrevistados).

Difícil dizer em qual dos quesitos a senhora Aleksiévitch é melhor. Mas por questões ideológicas, melhor ficar com a segunda opção. Nesses tempos de velocidade máxima, encontrar uma editora com tanto sangue nos olhos equivale a achar o paradeiro do Cálice Sagrado. Svetlana é capaz de costurar dezenas de depoimentos de sobreviventes da tragédia, recolhidos durante uma década, de modo a parecerem ditos num fôlego só. Com todo respeito a Janet Malcolm – que tem um dedo sempre apontado para as traições feitas pelos jornalistas, quando “montam” um depoimento – apostaria que nem um dentre as centenas de entrevistados que a ucraniana garimpou se sentiu usurpado. Nem poderiam: Ela fez valer a máxima dos linguistas – a de que moramos nas palavras. Outra coisa não faz senão levar os deponentes para casa, a casa que viram sumir do mapa e às quais pedem perdão – pelo abandono às pressas, pelos móveis queimados, pelos objetos enterrados, como se uma pá pudesse salvar uma nação.

Sim – é possível seguir com Aleksiévitch para o epicentro dos fatos históricos, seja a Segunda Guerra, Tchernóbil ou a queda do regime comunista. Mas os dramas soviéticos sofrem de grandiloquência crônica. Tudo por lá é descomunal. Nenhum homem se sente à altura da realidade. Um dos grandes trunfos da autora é nos mostrar o império que faz sombra nas miudezas de sua gente. A viagem que promete se mostra intimista acima de tudo. Não fala de morte, de fim de reinados, das guerras das quais tanto temiam, mas de cotidiano, ou “cotidiano da alma”, como gosta de dizer sobre um universo tomado por um inimigo invisível feito a radiação.

Vale até fazer piada – “o melhor remédio contra o estrôncio e o césio é a vodca Stolítchnaia”. Vale se arrepiar. Vai-se ao sítio abandonado às pressas, no qual ficou um gato, um cachorro, uma vaca. Muitos gatos. Sabe-se de um punhado de fotografias perdidas, que contavam a saga de uma família. De um casaco de mamãe. Das memórias dos russos, ucranianos e bielorrussos atingidos.



> “UM DOS GRANDES TRUNFOS DA AUTORA É NOS MOSTRAR O IMPÉRIO QUE FAZ SOMBRA NAS MIUDEZAS DE SUA GENTE.”

As reminiscências são sobretudo táteis, olfativas e palatais. São o que sobrou – daí a riqueza da obra de Svetlana: ela escreve testamentos.

Acaba que soa familiar, por mais estranho que pareça esse mundo de Sachas e de Kátias. Mesmo quando a vida de uma soldada russa se parece a uma ópera com toques extremos de Dostoievski com Tolstói, dá para imaginar como seria se fosse com a gente. É o que basta para que a máxima do jornalismo se realize: o que parecia um dilema de outras geografias, ganha uma escala humana.

Em pouco mais de algumas linhas o leitor se sente cúmplice de homens e mulheres que – mal dá para acreditar – sentem saudades de serem soviéticos. Essa revelação foi uma surpresa até para Svetlana Aleksiévitch. Não imagina a solidão de sua gente em não ser mais URSS. Em amar o que os aniquilava. Em viver à espera de uma guerra, quando o inimigo, que ironia, era um reator nuclear instalado no próprio quintal. Só se entregando à fala do outro para saber. Foi o que fez essa mulher – que por pouco nos escapou.

José Carlos Fernandes (PR).

Jornalista, cronista da Gazeta do Povo e professor do curso de Jornalismo da UFPR.

O cálice **afastado**

Não, não tinha nada contra um cálice de vinho. Até é recomendável, dizem. Flavonoides, essa é a base para a liberalidade. Com propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias, esses compostos bioativos podem ser encontrados em frutas, legumes, verduras, no chá, no café e no vinho, em especial o tinto. Sem esquecer o chocolate amargo. Estudos relativamente recentes sugerem que o consumo diário de flavonoides, com sua ação antioxidante, age combatendo os radicais livres na prevenção de doenças cardiovasculares e até alguns tipos de câncer, retardando o envelhecimento.

Só não o aceitava agora porque teria consultório no início da tarde. Sim, concordava que o peixe elaborado, as guarnições bem escolhidas e o ambiente, a companhia, a ocasião a pedir um brinde pelo menos, tudo se revestia de motivo, quase imposição, para um Merlot, um Cabernet, um PinotNoir. Mas não podia.

Sentiu-se à semelhança daquele Padre Soeiro, personagem de Eça em *A ilustre casa de Ramires* e, corando, sorriu, repetindo mentalmente: "Com muita água, infelizmente... O gosto pede, mas o reumatismo não consente."

O gosto pede, mas os pacientes não perdoariam. Não, não era gota, aquela artrite com nuances de castigo clerical que desperta incautos praticantes do pecado da gula e outras orgias, era a preocupação em não dar a menor chance à sua clientela para qualquer suposição maliciosa de que fosse um contumaz apreciador. Quem sabe até um alcoólico, já não mais anônimo, ilação que sem dúvida colocaria em risco sua imagem de profissional sério e capaz. O médico é mais ou menos como a mulher de Cesar...

Aprendera isso com o professor João Manuel Cardoso Martins. Inesquecível mestre, erudito e elegante, um pensador da vida e da arte médica que sabia como poucos pontuar em sentenças definitivas todo um universo de conhecimento e reflexão:

"Nego – assim se referia dirigindo-se a mim, num gesto carinhoso – Não dê motivo para boatos... Nunca tome bebida alcoólica, mesmo que uma taça, antes de atender. Um simples hálito suspeito pode ser motivo para o paciente fazer juízo de valor, e torná-lo um bebedor desmedido. Seja devoto do *noblesseoblige*: não basta ser, precisa parecer. Você tem todo direito de ter prazer, mas saiba se adequar às circunstâncias..."

"UM SIMPLES HÁLITO SUSPEITO PODE SER MOTIVO PARA O PACIENTE FAZER JUÍZO DE VALOR, E TORNÁ-LO UM BEBEDOR DESMEDIDO."

Ele era incisivo nisso. Na importância da imagem que o profissional deve manter para conquistar a confiança do paciente. E que ninguém cogite em tentar competir com o paciente no relato de alguma desgraça, como é comum muitas vezes entre casais que insistem em compartilhar uma consulta. O marido queixa-se da dor nas costas, do "asiático" persistente e a mulher se interpõe, iniciando o rosário com algo bem pior, uma "espinhela caída" de muitos anos. Não, nem tente dizer que sua tia sofre o mesmo e que também tens teus eventuais achaques. Não diga nada ou sentirás um desprezo atroz, um olhar de e-eu-com-isso que vai te machucar amargamente. O Dr. João Manuel, o filósofo, já bem dizia que o paciente quer um médico perfeito... O paciente não quer saber de seus problemas. Aliás, você não os tem. Um pouco de sua aura está em não ter aflições, ser perfeito. Para o paciente. A magia de cada um está no mistério, não no desvendamento.

À noite, com moderação (mesmo com o risco remoto e cada vez mais improvável de um chamado noturno – fato que a moderna violência urbana contribui para deixar como história do passado, relegando ao serviço de empresas que prestam atendimento domiciliar), tomará finalmente sua cota de flavonoides aromáticos. Enquanto acompanha o seu Vasco da Gama ou, com igual satisfação, deixa que o som de um clássico do jazz invada a sala.

Mais uma vez lembrará o professor e lamentará sua ausência, sua partida precoce. Incomoda-lhe uma indagação para a qual ele certamente teria uma resposta. Uma questão crucial, mais presente em datas festivas, dia do médico, festas natalinas, proximidade do *réveillon*:

Por que essa persistente, embora bem-vinda, prática de presentear com litros e litros de vinhos, licores, destilados? Provocação, tentativa de por à prova o profissional só pelo prazer de destruir sua reputação, caso a armadilha resulte em sucesso? Será uma necessidade de comprovação para o paciente da abstinência de seu médico? Ou é paranoia e a bebida presenteada somente um gesto de gratidão?

Beleza da vida

Na quietude das circunstâncias,
No paraiso das flores sem fama,
A beleza se expressa nas instâncias,
Nas instâncias de quem a ama.

Onde se compartilham as alegrias
Na atmosfera dos fatos concretos,
Na integridade da alma sem nostalgias,
Na certeza do infinito com afetos.

Tal qual uma folha que desvanece,
Tal qual a lua que desaparece
No circuito das singelas horas

Da meiguice do olhar terno,
No sorriso amoroso eterno
Na compreensão das auroras!

Dra. Jacemar Cristina R. da Costa (PR).

Talvez melhor não pensar muito, considera. Nem na brevidade da vida. A questão central é sempre o porquê. Novamente é o professor João Manuel que ensina: "O porquê implica investigação profunda comparativamente aos outros. Envolve antecedentes e consequências, e conhecimento prévio. Por quê? É sempre a mais nobre das perguntas."

É, vale para a arte médica – diz de si para si, enquanto fixa o olhar através da fluidez sanguínea do vinho que o cristal abriga. E, em tom de discurso: "Obrigado, professor, por tantas lições compartilhadas. E que os pacientes continuem testando minha resistência. Hei de vencer. Que não desistam das garrafas bem-intencionadas. E esqueçam, por gentileza, os panetones mofados.

Dr. Fernando Neubarth (RS)

★ *1º Lugar no Prêmio Literário Dr. João Manuel Cardoso Martins – 2016, promovido pela Sociedade Paranaense de Reumatologia.*

Do **tempo perdido**

Onde reside o problema está a oportunidade de mudança.

Hoje eu escutei mais um jovem colega de trabalho contar que está cronicamente cansado. Que assim que chega em casa, após o expediente, seu "momento de paz" consiste em se fechar no banheiro, sentado na privada, apoiar a cabeça nas mãos e ficar ali, às vezes por até meia hora, simplesmente sem pensar em nada, porque se ele ficar na sala, a esposa vai querer conversar e, se ele for para o quarto, o filho pequeno logo pula em sua cama querendo brincar de alguma coisa.

Quão triste é o fato de que, antes mesmo dos trinta anos, nos vemos na iminência de nos trancarmos no banheiro para ter um descanso da vida diária?

Somos jovens profissionais de relativo sucesso. De início, temos profissões! Fizemos cursos altamente técnicos que nos capacitaram a exercer funções de responsabilidade e, modéstia à parte, os colegas a que me refiro são realmente muito bons no que fazem. Temos no máximo 10 anos de mercado de trabalho e estamos procurando *coaches* para traçar uma estratégia de retirada ou uma mudança de carreira. Nem bem passamos dos trinta anos e nos sentimos cronicamente cansados e

incapazes para interagir com nossas próprias famílias. Afinal, essas são as pessoas que merecem o melhor de nós. E nesse momento, não temos nada sequer adequado para oferecer, que dirá a excelência de nós mesmos.

Levantamos da cama todos os dias – eventualmente todos os dias de fato, de segunda a segunda, como vários amigos da área da saúde fazem – abdicando de oito, dez, doze, até absurdas vinte e quatro horas em alguns casos, de convívio com as pessoas que nós mesmos escolhemos, entre os sete bilhões de habitantes da terra, para nossa família. Abdicamos desse tempo em prol do nosso trabalho, da nossa profissão. E, nos dias bons, lembramos que se é para passar mais da metade do meu dia fazendo "isso", pelo menos vou fazer direito, vou dar o melhor de mim a este trabalho, já que preciso fazê-lo. Nos melhores dias.

Mas a maioria dos dias não são os melhores. A maioria dos dias nós dormimos pouco e mal na noite anterior. Estivemos de plantão durante o fim de semana. Percebemos que, descontados os impostos, nosso pagamento mal dá para arcar com os compromissos. Não que estejamos realmente com pique para sair e gastar o dinheiro de outra forma que não pagando as contas. Não! Estamos muito, muito cansados. Sentamos no sanitário por um chamado da natureza, mas ora, é tão pacífico aqui! Ninguém me requer, aqui. Aqui, posso simplesmente desligar minha mente e descansar uns minutos. E nosso melhor momento do dia acontece sentados na privada.

"NÃO SEJAMOS NÓS O INCÔMODO DA VIDA ALHEIA. PELO MENOS UMA VEZ AO DIA, QUE SE TENTE EXERCITAR A DELICADEZA. A GENTILEZA."

Acho que esse pequeno relato já seria o suficiente para, no mínimo, acender um questionamento em nossas mentes a respeito do que temos vivido. Mas tenho tanta coisa para dividir, que prefiro continuar o pensamento. Meus colegas médicos estão abrindo restaurantes. Estão insatisfeitos com tantos aspectos da vida profissional que é até maçante citar todos. Reconhecimento. Credibilidade. Condições de trabalho. Distanciamento entre o que se sabe e o que é possível. Má remuneração. Maus-tratos. Desrespeito por parte dos chefes, sejam eles diretores de hospitais ou secretários de saúde. Desrespeito por parte dos clientes, sejam eles os hospitais ou os pacientes. Longas horas. Longas horas. Horas muito, muito longas.

Em dado momento, percebem que nenhum salário vale por todas aquelas longas horas, sacrificadas, roubadas de seus interesses pessoais, de suas famílias, de suas vidas privadas em prol de uma arte que tem se distanciado da ciência quase tão rápido quanto a ciência tem evoluído (não se enganem, as inovações científicas pertencem a um grupo bem pequeno de clientes. Para o restante, sobra a medicina baseada em evidências). A partir desse ponto começa a desconexão.

A desconexão é um fenômeno que tem suas raízes num sentimento profundo de rancor. Sim, de rancor. Estamos profundamente rancorosos por nos vermos na contingência de sacrificar nossas vidas para nossos trabalhos. Nenhum trabalho é tão bom assim. E quando esse trabalho envolve cuidar de outras pessoas, o corolário instantâneo é estender o rancor a essas pessoas. Você não é mais meu paciente. É meu inimigo. Você é o tempo longe dos meus filhos. Você é o livro que eu nem consegui começar a ler. Você é o fim de semana de sol que me escapa, aqui preso neste plantão.

Um filósofo, muito melhor do que eu, já dizia que o inferno são os outros.

Por um tempo, você tira satisfação no seu ordenado. Você mergulha de cabeça na ideia que o velho Schoppenhauer te vendeu, de que o dinheiro é o supremo valor, uma vez que só ele pode ser convertido em o-que-quer-que-seja que você necessite naquele momento. O velhinho era sagaz. É claro que todas as coisas têm valor relativo, conforme nossas necessidades e aspirações. E o dinheiro de fato nos compra muita coisa que, pelo menos por algum tempo, nos mantêm contentes. Algumas são tão básicas como

uma casa para morar. Outras tão intangíveis como a promessa de uma aposentadoria precoce. Mas a panaceia não dura. Não foi feita para durar. O redemoinho do ter, no fim das contas, só vai até um determinado nível dentro do ser. O ser não é substituível.

Subitamente nos damos conta de que algo ainda falta e nesse momento é sempre mais fácil procurar culpados fora. Os de dentro dão muito trabalho para resolver, e muita coisa importante fica em risco, então vamos atacar os de fora. O rancor do próximo se instala quase como um líquen crescendo no coração da gente. E nesse momento acontece o inevitável.

Nós nos tornamos "o outro". Esse ser raivoso, egoísta e mesquinho, que insiste em se sentir sempre insatisfeito. Sempre injustiçado. Sempre se está em dívida com essa criatura. Essa fera impaciente, inoportuna, que não tem a mínima consideração pelo tempo, sofrimento e trabalho alheios. O grande bebezão.

Vivemos hoje numa sociedade de bebezões. Isso é um fato inegável e que em nada ajuda na tentativa de nos reconciliarmos com o outro. Nos últimos anos as coisas pioraram ainda mais, pois surgiram as grandes babás para os bebezões, pessoas, entidades e instâncias para defender o direito do bebê a se sentir injustiçado. E pior, para tentar corrigir essa "injustiça". Ora, a hipocrisia. No momento em que se entende que a injustiça consiste unicamente da obrigação de abdicar de si em benefício de outros ou de um ofício, corrigir essa injustiça implicaria em uma realidade paralela onde ninguém necessitasse por obrigação de um emprego. Nesse contexto, o outro vai se transformando cada vez num inimigo mais intragável, mais intolerável.

> "NOSSAS VIDAS NÃO SÃO UM FIM, MAS UM MEIO DE ALCANÇAR ALGO SUPERIOR A NÓS."

Mas onde reside o problema é aí que está a oportunidade de mudança.

Toda a nossa dificuldade em lidar com nossos trabalhos e nossos clientes reside no fato de que ultimamente todo e qualquer ser humano se transformou em uma criatura desagradável e hipócrita, cínica até os ossos, um ser cujas necessidades sempre estão acima das dos outros. Então, não sejamos nós também esse bebezão. Não sejamos nós o incômodo da vida alheia. Pelo menos uma vez ao dia, que se tente exercitar a delicadeza. A gentileza. Tentemos economizar a energia de alguém, tentemos não ser o paciente chato que argumenta por horas a respeito de um problema insignificante. O cliente que insiste em processar um adversário por um erro que ele próprio deixou acontecer. O chefe que exigiu horas absurdas de trabalho do funcionário. A criatura que passou horas absurdas na fila da repartição e resolveu descontar em você toda essa frustração que só o tempo perdido sabe nos causar.

Que a gente um dia possa entender que é essa a instância geradora do rancor: o tempo perdido.

Assim, aprendendo a não fazer os outros perderem seu tempo, quem sabe a gente aprende que o tempo empregado num trabalho bem feito, nunca é tempo perdido. Que para resolver grandes problemas geralmente é preciso uma mudança radical de ponto de vista. Que é mais fácil baratear o custo da vida do que comprar energia e tempo para a família. Que não precisamos, enfim, de tanta coisa assim.

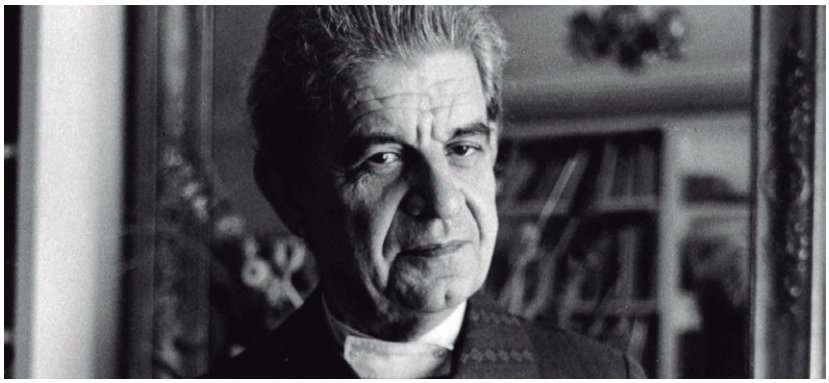
Acho que só aprendendo a sermos melhores é que vamos conseguir nos livrar desse cansaço crônico. Desse rancor. Desse desânimo existencial. E sermos melhores implica expandir nosso horizonte de interesses, especialmente em direção à ideia de que nossas vidas não são um fim, mas sim um meio de alcançar algo superior a nós. Nossas vidas são nosso legado para o mundo e para a história. Uma história feita de grandes personagens mas também de pequenas subtramas, onde existe sim um papel bacana para qualquer um que realmente esteja interessado em atuar. Comprometa-se com seu trabalho. Seja um ser humano melhor. Almeje coisas diferentes.

No fim, nossa insatisfação é só um erro de perspectiva.

Dra. Ligia Calina Renuncio (PR).

Psicanálise e medicina, passados 50 anos

Para Lacan, a posição do médico sempre foi a de responder a uma demanda de saber.



Em 1966, Jacques Lacan foi convidado para um debate no *Collége de Médicine*, de *La Salpetrière*, em Paris, sobre "O lugar da psicanálise na medicina". Seu pronunciamento foi publicado inicialmente em *Cahiers du Collège de Médicine* (vol. 12, Paris, 1966) e mais tarde voltou a ser publicado no *Bloc-notes de da psycanalyse* (n.º 7, Genebra, 1987). Passados 50 anos, suas palavras podem ainda nos ensinar alguma coisa? Deixo o julgamento a cargo do eventual leitor deste "memorando".

Lacan responde às perguntas que lhe foram dirigidas, falando sobre *o lugar da psicanálise na medicina.* Declara, então, que tal lugar era, naquele tempo, marginal e extraterritorial. Esclarece que o lugar da psicanálise na medicina era **marginal**, por conta da própria medicina – que admite a psicanálise como uma espécie de ajuda exterior, comparável àquela dos psicólogos e de outros distintos agentes terapêuticos; e era extraterritorial por conta dos psicanalistas. Embora afirme que estes tenham suas razões para querer conservá-la assim – **extraterritorial** em relação à medicina – declara que não são suas tais razões. As suas, ele prevê que rapidamente terão o seu lugar.

Ele se propõe tomar o lugar da psicanálise na medicina do ponto de vista do médico, aludindo a uma rápida transformação que estaria em curso, afetando a função do médico, assim como seu "personagem", pois este é um elemento importante na dita função.

Prossegue dizendo que durante todo o período da história que conhecemos e podemos qualificar como tal, esta função e este personagem do médico mantiveram-se em grande constância, até uma época recente. E, considerando a história do médico através das eras, o grande médico, o médico padrão, era um homem de prestígio e autoridade. Citando Galeno, Lacan afirma que o médico, no que tem de melhor, é também um filósofo e neste caso a palavra não se limita ao sentido tardio de "filosofia da natureza".

E segue: "Deem a esta palavra – um filósofo – o sentido que quiserem, a questão que se trata de situar será esclarecida com outras balizas. A passagem da medicina para o plano da ciência, e até mesmo o fato de que a exigência experimental tenha sido introduzida, não é o que conta por si só: a balança está em outro lugar – pois a medicina não entrou sozinha em sua fase científica e o próprio mundo mudou, pois a ciência introduziu novos condicionamentos ao incluir a todos em seus efeitos."

Como as exigências sociais são condicionadas pelo aparecimento de um homem que sirva às condições de um mundo científico, o médico, provido de novos poderes de investigação e de pesquisa, encontra-se face a novos problemas. Quais eram os problemas que Lacan identificava há 50 anos? Que o médico nada mais tem de privilegiado na organização desta equipe de peritos diversamente especializados nas diferentes áreas científicas – e muitos de nós, que vivemos a história desse meio

século transcorrido, podemos dar nosso testemunho de seu acerto.

O que nem todos percebemos, entretanto, é que, a partir daí, é do exterior de sua função que lhe são endereçadas as questões. Ou seja, o médico passa a ser convocado a responder a questões que não são próprias à sua função de santo homem.

Neste novo contexto, a colaboração médica será considerada como bem-vinda para programar as operações necessárias para manutenção do funcionamento deste ou daquele aparelho do organismo humano em condições precisas. Parece bem, não? Mas Lacan nos instiga a pensar com uma pergunta incômoda: afinal de contas, o que isto tem a ver com aquilo que chamaremos "a posição tradicional do médico"? – como se divisando um mais além do que simplesmente manter em funcionamento o organismo.

Mesmo reconhecendo que o médico é requerido em sua função de cientista fisiologista, Lacan identifica que ele está submetido ainda a outros chamados. O mundo científico deposita em suas mãos o número infinito daquilo que é capaz de produzir em termos de agentes terapêuticos novos, químicos ou biológicos. Ele os coloca à disposição do público e pede ao médico, assim como se pede a um agente distribuidor, que os coloque à prova. Onde está o limite em que o médico deve agir e a quê deve ele responder?

Impossível não escutar aí a previsão desse futuro, agora tão presente, em que o jornal *Folha de São Paulo* publica reportagem sobre a fosfoetanolamina sob o título "Pílula do câncer faz de médico e paciente adversários" – ecoando as palavras de oncologistas.

Lacan dizia, há 50 anos, que "é na medida desse deslizamento [...] que se modifica a posição do médico com relação àqueles que se dirigem a ele". Leiam suas próprias palavras: "À medida que o registro da relação médica com a saúde se modifica, em que esta espécie de poder generalizado que é o poder da ciência, dá a todos a possibilidade de virem pedir ao médico seu ticket de benefício com um objetivo preciso imediato, aí, precisamente, a posição tradicional do médico se perde e se desvirtua".

Se Lacan acerta o diagnóstico quanto à transformação que o personagem médico vinha sofrendo na hierarquia social no mundo "científico", quanto ao possível tratamento a ser dado ao problema ele é bem mais polêmico, pois vai invocar um conceito extraterritorial à Medicina: uma dimensão que denomino demanda. Lacan é muito preciso: "É no registro do modo de resposta à demanda do doente que está a chance de sobrevivência da posição propriamente médica."

Coerente com tal assertiva, ele prossegue: "Quando o doente é enviado ao médico ou quando o aborda, não digam que ele espera pura e simplesmente a cura. Ele põe o médico à prova de tirá-lo de sua condição de doente, o que é totalmente diferente, pois isto pode implicar que ele está totalmente preso à ideia de conservá-la. Ele vem às vezes nos pedir para autenticá-lo como doente. Em muitos outros casos ele vem pedir, do modo mais manifesto, que vocês o preservem em sua doença, que o tratem da maneira que lhe convém, ou seja, aquela que lhe permitirá continuar a ser um doente bem instalado em sua doença."

Quem viveu a clínica médica, por pouco que seja, sabe que muitas vezes isso acontece mesmo. Lacan prossegue: "Isso é da experiência banal, só o evoco para lembrar-lhes a significação da demanda, a dimensão em que se exerce a função médica propriamente dita e para introduzir... a estrutura da falha que existe entre demanda e desejo."

De novo, Lacan está enquadrando no campo da psicanálise aquele paciente para o qual o desejo se apresenta como enigma de esfinge devoradora, e que nem sempre deseja a cura, mesmo quando a solicita: no momento em que qualquer um pede, demanda alguma coisa, isto não é absolutamente idêntico, e mesmo por vezes é diametralmente oposto àquilo que ele deseja.

No desdobramento de seu discurso, Lacan vai introduzir mais um conceito psicanalítico, o conceito de gozo, para assinalar aquilo que o corpo em seu registro purificado – o corpo verdadeiro em sua natureza: algo feito para gozar de si mesmo – vai propor à medicina.

Só que, quando o paciente propõe ao médico o enigma do gozo, e não sinais e sintomas de um real adoecimento orgânico, a medicina

toca o seu limite. Isto porque a ciência é capaz de saber o que pode, mas ela, não mais do que o sujeito que ela engendra, é incapaz de saber o que quer. Respeitar tal limite é o grande desafio ético que a ciência lança ao médico.

Para Lacan, a ascensão da ciência teria promovido a subversão da posição do médico e Freud teria inventado aquilo que poderia responder a tal subversão.

Se o corpo pede o gozo – algo sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, até mesmo da proeza –, a psicanálise pode oferecer uma alternativa: o prazer e o desejo.

E o que é o prazer? O prazer é uma barreira ao gozo – é a excitação mínima, aquilo que faz desaparecer a tensão, tempera-a ao máximo, ou seja, é aquilo que nos faz parar a uma distância respeitosa do gozo. E o que é o desejo? O desejo é o ponto de compromisso, a escala da dimensão do gozo, o que permite levar mais longe o nível da barreira do prazer.

Lembrando que o conceito de desejo em psicanálise não pode ser concebido como uma tendência orgânica, sendo sua primeira aparição no desenvolvimento do indivíduo manifestada no nível do **desejo de saber**, Lacan situa que a posição original do médico sempre foi a de responder a uma demanda de saber. Daí afirma que a posição que pode ocupar o psicanalista é a única de onde o médico pode manter a originalidade de sempre de sua posição: alguém que tem que responder a uma demanda de saber, ainda que isso possa ser feito conduzindo-se o sujeito a voltar-se para o lado oposto das ideias que emite para apresentar essa demanda. Para surpresa geral, o inesperado é que o próprio sujeito confesse sua verdade – e a confesse mesmo sem sabê-lo.

Estará Lacan dizendo que só os analistas podem ocupar a posição médica propriamente dita? Há quem pense assim, mas não eu. O que eu escuto de seu pronunciamento é que o médico pode sair ganhando se, advertido quanto à presença, na vida humana, de um investimento energético do qual não suspeita o poder – o gozo –, saiba colocar este investimento entre parênteses. Ou seja, respeitar o seu poder.

Para mim, Lacan diz, claramente, que, em razão mesma dos poderes de que dispõe, dos poderes que deve distribuir, o médico tem o dever ético de reconhecer os limites de seu território e dar, aos que lhe demandam objetos estranhos ao plano científico em que está situado, o devido encaminhamento.

Finalizo com as mesmas palavras com que Lacan encerrou seu pronunciamento: "Se o médico deve continuar herdeiro de sua função antiga – que era uma função sagrada –, cabe-lhe prosseguir e manter em sua própria vida a descoberta de Freud."

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).

O texto original, traduzido por Marcus André Vieira, acha-se disponível em: http://www.pospsi.ufba.br/Lacan-O-Lugar-da-Psicanalise-na-Medicina.pdf

poesia

TEMPO DE GRATIDÃO

Nestes tempos de doença reitero
A dedicação de minha família
Regina se desdobra em tal esmero
Minha gratidão ainda não avalia
Age sempre como doce refrigério
No plantão está sempre em vigília
Dessa forma a saúde eu recupero
E ternamente o meu ego acaricia.
Com este mal eu não me desespero
Lembro todo aquele que me auxilia
Filhos amados que com honra gero
Que exercem hoje notável paterfilia
Fazem hoje um esforço bem sincero
Na dieta não cabe qualquer folia
Repletos de razões, logo pondero
Harmonizados como linda sinfonia
Com seu amor mais vida aglomero
Tão grato sou com tanta fidalguia

acróstico

O SORRISO DE VOLTA

Atormentado buscas uma explicação
Olhas estrelas sem o brilho de outrora
Tristeza e angústia sufocam o coração
Outra lágrima, aparecem a toda hora.
Nada, só lembranças, o vazio apavora
Isso por não poderes tocar-lhe a mão
Bem, o teu grande amor foi-se embora
As bençãos do céu agirão sem demora
Hoje o abraçamos com sincera emoção
Invoque a Deus por muita inspiração
Assim terás paz e o teu sorriso agora.

Dr. Wilmar Guimarães (PR).

Jatos de ideias médicas para **refletir e criticar**

Para um diagnóstico, às vezes, mais importante do que as pessoas relatam é a omissão consciente de certos fatos. Por vergonha ou por considerarem irrelevantes. É o caso do transtorno obsessivo-compulsivo, no primeiro, e de um simples papagaio em casa, no segundo exemplo.

A medicina é tão ampla e profunda que pode funcionar como um tecido conjuntivo, que permeia a formação cultural, estética e moral do homem. Basta exercê-la em toda a sua plenitude.

Nós, médicos, temos uma profissão extraordinária, pois todos os dias, a partir de algo ruim, podemos transformá-lo em algo bom. Parece piegas, mas é a pura verdade. Que outra profisão tem essa característica de transformação?

Olhamos, dirigimos o olhar, e não vemos, não percebemos pelo sentido da visão. Ver consiste em treinamento e, treinados, podemos observar. Observação é visão treinada, essencial na prática médica. Nos permite ir além do hábito, do receio ou da indolência. Ver o quê? Sinais, ora. E principalmente gestos.

O bom observador é lento; atem-se a detalhes.

Mais importante do que se diz é o que não se diz. Mas o bom observador decodifica os gestos.

Contemplar um quadro, ler um poema, ouvir uma sonata ou observar um paciente nos remete à questão essencial do Ser. Esse encontro nos permite a experiência da liberdade mútua.

A ciência tem que iluminar o obscuro, como sempre fez a filosofia. Ambas buscam o saber, com humildade. O que muda é a maneira de avaliar. A ciência é corpo, a filosofia, espírito. Indissociáveis.

A arte da medicina consiste em educar o paciente, enquanto a ciência contra ou cura a doença. Ocasionalmente, a ciência fecha o prognóstico: nada a fazer. A arte entretém.

Ver a ciência sob a ótica do artista, mas a arte sob a ótica da vida...

Quer evoluir? Então siga o apotegma: tente de novo, fracasse de novo, fracasse melhor.

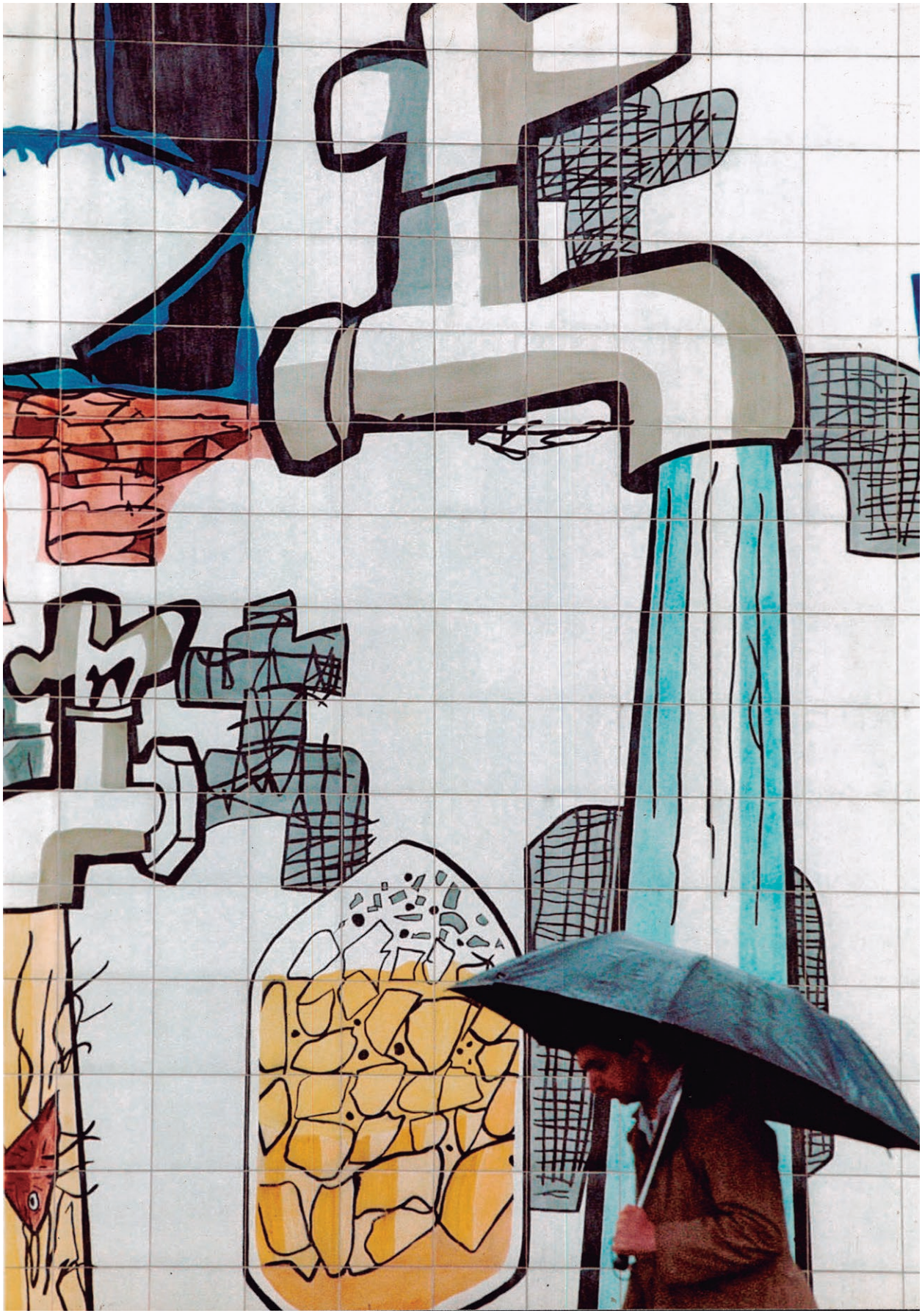
Quanto mais invasivos nos tornamos emocional e fisicamente, mais responsáveis somos.

Médico que sabe pensar bem mas é incapaz de sentir o paciente torna-se iatrogênico. Devemos sentir tanto o outro quanto o pensamos.

Devemos sempre nos colocar ao mesmo nível do paciente. Seja simplório, intelectualmente refinado. Só ao mesmo nível pode ocorrer a isenção.

A intolerância costuma ser o fruto amargo da incompreensão.

Washington Fidelis



Profissionais inconscientes de suas responsabilidades ética e científica são a ruína de qualquer profissão que lida com atitudes e conhecimento. Moral e luzes são artigos de primeira necessidade.

O maior conto do vigário que existe no meio médico é tentar vender misticismo com maquiagem de ciência.

A doença é ciência; o paciente, ciência e arte. Rememorando Hufeland, o médico deve generalizar a doença e individualizar o paciente.

Reze. Agradeça aos mortos entranhados em sua mente. Você é um herdeiro intelectual. Evoque e, se possível, crie.

Despojarmo-nos do que é supérfluo na vida, saber perder o que nos importa, saber absorver as frustrações (resiliência) e ainda extrair algum sentido. Eis aí a grande arte existencial.

Qualis vita, finis ita. Tal vida, tal morte. É o que avisa o ditado latino. Não morre bem aquele que viveu mal. No espírito e no corpo. Se não houver azar genético, a sobrevida e a qualidade de vida dependerão – e muito – do estilo de vida. As coisas são simples, sabidas. E os médicos conhecem. O difícil é implantá-las em si e nos pacientes.

Todo médico, pesquisador ou clínico, tende ao ceticismo. Aliás, precisa ser cético. Ao contrário do que se imagina, cético não é o que não acredita e, sim, o que busca, embora com rigor e medida, a evidência das coisas. E a busca é o começo da fé.

Os latinos também diziam ser próprios do sábio mudar de parecer desde que houvesse boa argumentação lógica ou dados confiáveis e consistentes. Mesmo nosotros, pobres coitados, como diria um grande da história, não devemos ter compromisso com o erro.

Se você tem impulso criador, não o desvirtue. Submeta-o à virtude do silêncio e da modéstia. E decante-o com zelo. Talvez algum dia alguém prove e goste. E serão poucos. Se forem muitos, você foi eleito pelo comitê celestial.

Um profissional precisa aprender que seu possível sucesso, para ser duradouro, depende de credibilidade, sempre adquirida com esforço, tempo e algum talento.

PARA REFLETIR

PRECEITO

Possuía uma convicção ética: pautava suas ações por meio de seus valores; era um homem de princípios. Essa impecabilidade pessoal o norteava na lida com os alunos. Duro nas avaliações, centrado no rigor da aprendizagem. Certo dia, servindo-se de seu carisma e de sua autoridade, atenta contra a sexualidade de uma aluna. Comete um pecado de difícil absolvição. Do mesmo naipe de um médico que ministra veneno em vez do medicamento, ou de um crítica que faça uma citação falsa. Fora vulgívago. Seus princípios deixaram de ter valor. Seria punido pela ética da responsabilidade.

Do rio inspirador brota só **a morte e a ingratidão**

Do rescaldo da tragédia de Mariana e dos sepultos da lama tóxica.

O Rio Doce, já chamado "Nilo brasileiro", fez parte do nosso imaginário cultural na poesia, na prosa, nas plásticas, nos romances e em canções populares. E é onde hoje unicamente sobrevive. A inspiração que restou é a que retrata o caos, brotando saudade da outrora fonte de vida e sinalizando ao futuro o custo da ganância e da negligência.

Sim, agora o cenário em tons bucólicos, picarescos ou mesmo críticos, traduzido sob olhar poético de tantos autores, soa como homenagem póstuma à paisagem ímpar do braço forte da maior bacia hídrica do Sudeste. O Rio Doce, com seus 850 quilômetros de extensão e banhando 29 cidades de Minas Gerais e outras 11 do Espírito Santo, viveu uma catástrofe ambiental no final de 2015, quando o rompimento de barragens da mineradora Samarco, em Mariana (MG), fez com que rejeitos químicos inundassem o seu leito e até lhe conferissem atestado de óbito.

Houvesse gratidão com o passado de riqueza e desenvolvimento e, também, com a memória daqueles que construíram essa história – e aí incluídos os sepultos da lama tóxica –, viriam com pressa esforços para amenizar o mal às gerações futuras e pelo menos oferecer um mínimo de conforto ante tanta dor e destruição. Tanto se tirou, tão pouco se retribuiu.

No rescaldo da tragédia, o poeta Carlos Nejar escreveu o livro *A vida de um rio morto*. Gaúcho por nascimento e capixaba por adoção, ele ilustrou a obra com desenhos de Pablo Picasso ligados à concepção do afamado painel *Guernica.* Nas artes visuais, o pintor, escultor e entalhador marianense Elias Layon faz um retrato do caos causado pela lama de minério com uma série de máscaras em referência ao acidente de Bento Rodrigues. O artista plástico sul-africano Haroon Gunn-Sali, radicado no Brasil, produziu material em vídeo e fotos que expõem todo o drama. A exposição inaugural ocorreu em São Paulo e a seguinte no Museu de Congonhas, em Minas, onde ficou de setembro de 2016 a março deste ano. Criou uma dimensão fiel do desastre que matou pelo menos 19 pessoas, desabrigou centenas e causou danos ambientais irreparáveis.

FONTE DE INSPIRAÇÃO

Em 1781, o luso-brasileiro Frei Santa Rita Durão já listava o Rio Doce entre as paisagens brasileiras no poema épico *Caramuru*, que conta a história do náufrago português Diogo Álvares Correia, que viveu entre os índios tupinambás. Rubem Braga fala da porção capixaba do rio em suas crônicas *Barra do Rio Doce* (1949) e *O lavrador* (1954), enquanto o cartunista e escritor Ziraldo dedicou o livro infantil *O menino do Rio Doce* (1996) à criança que um dia fora, crescida à beira do seu leito. "O menino tinha certeza de que havia nascido no dia em que viu o rio. Na sua memória não havia nada antes daquele dia", descreve o autor, mineiro de Caratinga.

O também mineiro Roberto Drummond publicou o romance *O cheiro de Deus* (2001), que faz referência ao rio: "Tu és senão a cidade, és o passado e és o presente, és o Rio Doce e rios amargos, trágicos, és um casarão com 38 janelas e és uma casa moderna e ensolarada". Contudo, é o poeta Carlos Drummond de Andrade quem anteviu a tensão entre o rio e as mineradoras que o exploraram desde sempre. Merece releitura o poema *Lira itabirana* (1984):

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Entre as referências do cancioneiro popular, a principal delas é *Rio Doce*, que já aparecia numa versão instrumental no álbum *Sol de primavera* (1979), de Beto Guedes. A obra ganhou uma segunda parte de Tavinho Moura e letra definitiva de Ronaldo Bastos (1981). Diz um trecho: "Por esses breves eternos momentos/Que tive o dom de navegar/São vidas dos belos horizontes/Gente das mais preciosas fontes/Onde ser é ternamente brotar/Vai cantando as voltas do moinho/Onde a beleza teceu seu ninho/Mas viver é mansamente passar". ❶

SONETO

O soneto que me rodeia

A pele que em tudo me rodeia,
nunca permite desplantes de monta.
Quando agredida, expõe, alardeia,
ressentida, sempre apresenta a conta.

A cútis em poema devaneia,
e fantasia que nada lhe afronta,
basta um toque em desguarnecida ameia,
desmorona, desprotegida, tonta.

A tez então incólume permeia,
às intempéries do mar, areia,
um desígnio que a natureza apronta.

Se todo o tegumento incendeia,
a mesma que entorpece, pavoneia,
Fênix, surge regenerada, pronta.

Dr. Caio de Castro (PR).

ANTOLOGIA

"Você deságua em mim e eu oceano."

DJAVAN

A amplitude do acolhimento pode ser amor pleno, dedicado e sem travas. Delicado no afeto construído a cada momento e no futuro, recriado em seu horizonte. Ou paixão desenfreada no seu afã de afeto totalitário, obcecado no ato de submeter, de fazer naufragar a individualidade do outro, tortura de agitação molhada. E o equilíbrio precário, sempre presente nas águas. Ora sereno, ora turbilhão dissoluto. É a vida! É a vida!

Jonas de Oliveira

Márcio Machado

Arnaldo Alves

Rodrigo Soppa

Luciane Mota

FOTOGRAFIAS DA EDIÇÃO

As fotografias que ilustram esta edição da revista **IÁTRICO** integram acervo da Mostra de Fotojornalismo do Paraná, da Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado – Arfoc-PR, que em março deste ano comemorou 51 anos de representação e valorização dos profissionais que atuam nessa arte. Além de agradecer à Diretoria da Arfoc-PR pela cessão dos direitos de uso das imagens, o Conselho de Medicina e a classe médica também prestam a sua homenagem a esses artistas. O conjunto de fotos foi selecionado dentre as que registram flagrantes do cotidiano, tendo em destaque as expressões humanas e sua interação ambiental. Os créditos dos autores estão apostos nas imagens, feitas por vários profissionais consagrados no fotojornalismo paranaense e que fizeram e fazem história com seus cliques. Aliás, bom lembrar que o dia do repórter fotográfico é comemorado em 2 de setembro.

Aliocha Maurício

Lição e Memória

Morte, alienação e sofrimento, constantes nas preocupações do ser, neurovivo, pensamento do gesto. Seus recados existenciais buscam diálogo somático, rotineiramente medicalizado. Mas isso é do vivo. E o morto, quem é? O Dr. Leme Franco mostra que o morto não é só aquele com seus incríveis e patéticos sapatos de verniz preto, nem mesmo o do retrato na parede, que pode ser um nada, traço sem lembrança, sem "presença na ausência". E poderia ser diferente: lição e memória.

Morto

Não morre quem falece,
Mas quem nada deixa aos
Que em vão lembrar-se dele.

Dr. Luiz Carlos Leme Franco (PR).

PALAVRAS DE MESTRE

Muito do que sou, tanto que possuo, agradeço a você
Pela poesia, pela harmonia, devo lhe agradecer.

MARTINHO DA VILA

MINICONTOS MÉDICOS

PROFESSORES DE MEDICINA

Caminhando com a esposa, o veterano médico encontrava inúmeros conhecidos ao longo do trajeto.

– Tenha um bom dia, doutor.

– Quem é esse simpático velhinho? – Perguntou-lhe a esposa.

– Foi meu professor de medicina. – Respondeu o médico.

– Bom dia, doutor.

– E esse quem é? – Perguntou-lhe novamente a esposa.

– Também foi meu professor de medicina.

– Olá doutor, que manhã agradável, não é?

– E essa senhora? – Não vá me dizer que foi sua professora de medicina, pois eu a conheço e sei que ela foi sua paciente durante muitos anos. E acho que aqueles dois senhores que o cumprimentaram também foram seus pacientes.

– Pois é querida, os meus pacientes foram os meus melhores professores de medicina.

UM CAIXÃOZINHO DE DEFUNTO

Eliseu tinha quatro anos de idade quando começou a frequentar a Apae. Era um caso grave de psicose infantil com muitos delírios e alucinações.

Sua única distração era arrastar pelo chão uma caixa preta retangular atada a um barbante.

Ele dizia que era um caixãozinho de defunto e que ele estava lá dentro.

Hoje, o Eliseu está com 34 anos e melhorou. Ainda tem delírios e alucinações, só que agora ele carrega uma caixa verde de papelão, embaixo do braço, e dentro dela, uma camisa do Palmeiras, seu time do coração.

CIRCO

Durante a consulta, o paciente cabisbaixo e inseguro diz ao médico:

– Doutor, estou muito triste, desanimado e sem vontade de viver. Não estou aguentando mais esse sofrimento. Por favor, me ajude!

– Não desanime, seja forte – responde o médico. Você está com depressão, mas vai melhorar. Antes de qualquer tratamento, eu recomendo-lhe ir ao circo que chegou há poucos dias à cidade.

– Ao circo, doutor? – questiona o choroso paciente.

– Sim. – diz o médico – Este circo possui um palhaço incrivelmente engraçado que se chama palhaço Alegria. É impossível continuar triste depois de assistir a um espetáculo desse palhaço.

– Mas doutor – retruca o paciente – eu sou o palhaço Alegria.

Dr. Elvio Armando Tuoto (PR).

DO CADERNO VERDE

"Falamos com os órgãos vocais, mas conversamos com o corpo inteiro."

Somos visuais e verbais. Destarte, memorizamos mais o que vemos do que aquilo que ouvimos. É inerente à índole de nossas percepções. Por isso, nossas aulas não podem ter só voz, palavras ou imagens. Têm que ter de tudo. Simples, organizado e, sobretudo, um corpo que fala.

"Um corpo que cai", de Alfred Hitchcock
Análise de uma vertigem

Ao artista é dado apresentar os estados anímicos pelas sinuosidades do romantismo e da poesia, comprometido que está com a produção de prazer estético. Ao cientista cabe buscar uma via retilínea para o Real. Com mão mais pesada, talvez, mas não menor produção de prazer – o deleite intelectual.

"Um corpo que cai" (Vertigo, 1958) é um filme perfeito, mesmo que, sob alguns aspectos, incomode por inconsistências que beiram o inverossímil. Que tipo de homem fica mesmerizado pela pura e simples aparição de uma bela – mesmo não se tratando de uma bela qualquer – a ponto de romper com seu princípio de não envolvimento? Que tipo de mulher se deixa usar, por tão pouco, como cúmplice de um crime? Que tipo de cúmplice deixa-se assim tão disponível para o castigo, primeiro permanecendo ao alcance do reconhecimento; e segundo, aderindo a um projeto de revelação inapelável pelo caminho da retomada do disfarce?

A análise dos personagens pode, eventualmente, levar a algum entendimento dos enigmas planteados. Se não, vejamos.

O TIPO DE HOMEM

Em suas contribuições para a psicologia do amor, Freud comunica observações extraídas da clínica analítica que o levam a constatar que, na eleição do objeto amoroso, as escolhas dos homens, muitas vezes, se não sempre, são determinadas por elementos inconscientes – quer dizer: sabidos, porém ignorados.

Desde a condição de ignorados, tais elementos adquirem forças insuspeitadas e decisivas, capturando o sujeito em seu vórtice e arrastando-o rumo a uma escolha, nem sempre razoável. Submetido inteiramente à força de gravidade que o aprisiona e arrasta, o sujeito cai.

Além de nos informar que o elemento decisivo da escolha objetal pode ser qualquer, variando ao infinito, de sujeito a sujeito, solidariamente à história de cada um, Freud isola três determinantes ligados ao próprio objeto, no caso, à mulher, que decidem a escolha de determinados sujeitos: que sua conquista represente um prejuízo para um terceiro (real ou imaginário); que sua virtude ou fidelidade seja (real ou imaginariamente) questionável; que ela se apresente sob condições de risco (real ou imaginário) que a tornem apta para um empresa salvadora.

Ora, é verdade que Alfred Hitchcock nos apresenta uma "Mad'Leine" lindíssima, chiquíssima, icônica, esplêndida, maravilhosa, magnética, uma verdadeira presença absoluta da beleza feminina no seu registro mais que purificado. Mesmo assim, essa pura aparência poderia arrastar John Scott para o abismo?

Muitos homens dizem que sim, mas eu penso que não. Digo que não e afirmo que Madeleine extrai seus poderes de outro lugar – um lugar que Hitchcock conhece bem demais, o que lhe permite supor que o marido de Madeleine também o conhece, estando em condições de manipular seu amigo e sua cúmplice a favor do seu projeto perverso de viúvo-negro. Não por acaso sua conquista está imantada pelos três magnetos que Freud isolou da clínica – prejuízo de um terceiro, virtude questionável, necessidade de redenção.

1. Ela é casada, portanto há um terceiro a ser prejudicado – seu marido.

2. Desde o primeiro momento da entrevista em que o Sr. Elster vai engajar o "amigo" no plano diabólico, quando se pede a este que siga e vigie a Sra. Elster, Scottie expõe, de partida, sua suspeita de que se trate de um caso de infidelidade. O marido, é claro, nega, o que tem o efeito de reforçar a suspeita. No decorrer da história, a infidelidade de Madeleine se torna inequívoca, mas isso, possivelmente, já não vem ao caso – o magneto já estava instalado.

3. Por último: corre sangue suicida em suas veias e está condenada pelo espírito de Carlota Valdés, do qual precisa ser salva.

Não cabe aqui desdobrar o enredo edipiano em que se funda a construção freudiana que dá conta deste Real que a clínica só faz mostrar, mas também não cabe passar por aqui sem assinalar a ressonância sonora do mito grego. Feita a marcação, justa e necessária, sigamos com o filme.

Pobre Scottie! Posto frente ao irrecusável, embarca em seu destino. Responderá por ele, num julgamento em que é inocentado, de direito, por um júri benevolente; mas condenado, de fato, por um juiz que não lhe perdoa a falta do valor moral com que teria podido evitar o suicídio de sua protegida.

Se no rigor do juiz implacável Hitchcock promulga a sentença do superEu, na volta seguinte do parafuso ele vai oferecer a Scottie a possibilidade de redenção: a cura, pelo caminho do ganho de saber.

O mesmo Scottie que, no primeiro "capítulo" protagoniza a cena de psicanálise silvestre em que tenta "curar" Madeleine, injetando sentido (seu) nos falsos delírios (dela), vai, ele próprio, encontrar o sentido seu no delírio seu, tomando para si a construção de um saber sobre a trama em que, por sua própria responsabilidade, se enredou.

Ele vai rememorar (a história), repetir (a fascinação pelo objeto) e elaborar (seu próprio engate no gozo, advertido quanto à devastação daí resultante). Vai renunciar ao objeto, desde sempre perdido. Vai ficar de pé sobre o beiral; pelo menos naquele momento, vitorioso sobre a vertigem.

O TIPO DE MULHER

Judy Burton aceita protagonizar o papel da diva que captura Scottie na trama urdida por Gavin Elster. A princípio, podemos pensar que ela aceita um papel de atriz, sem saber dos propósitos finais do enredo, a troco de "uma coisa à toa, uma pedra falsa, um sonho de valsa ou um corte de cetim". Por que não? Quando chega ao final da escada e testemunha o lançamento do corpo que cai, ela não grita? Por que gritaria, se não de surpresa? Grita e é imediatamente subjugada pelo assassino, que lhe tapa a boca.

Se até aí seguimos uma mulher, não inocente – pois não há inocentes –, mas talvez ingênua ou irresponsável, a partir daí, já não é mais possível deixar de interrogá-la.

Judy Burton mantém a boca fechada depois de testemunhar o crime, tornando-se, se já não o era, cúmplice de assassinato. Por quê? Seria uma perversa, para quem a vida do outro não tem valor algum e pode ser descartada sem mais nem menos? Se fosse uma perversa, não tiraria partido da situação, faturando alto o seu silêncio? Não sairia do circuito, para escapar ao reconhecimento e eventual desmascaramento? Se não é uma perversa, por que se calaria? Por que se deixaria cooptar por vez segunda, novamente plasmando Madeleine para Scottie, sob o risco certo de se revelar sua participação no assassinato?

Aparentemente Hitchcock errou a mão e nos apresentou um personagem mal costurado, tolo ao limite do inverossímil. Mas não. Outro, talvez. Não Hitchcock, profundo conhecedor da alma humana.

A travessia da constelação edipiana é cheia de vicissitudes para todos, mas Freud reconheceu que ela é particularmente complexa para a mulher, por razões fartamente demonstráveis (de novo, não é o lugar). Desse atravessamento tão complicado, pode resultar na mulher um resto inassimilável de hostilidade contra sua mãe, passível de receber os mais variados empregos e destinos. Levanto a hipótese de que Judy Burton pudesse carregar um quantum dessa hostilidade suficiente para fazê-la aderir ao assassinato, se não em ação, pelo menos por omissão. Ela se calaria, não por aprovar o crime, mas por se reconhecer sem condições morais para acusar o criminoso. Reconhecendo em si mesma o empuxo a matar uma mulher, apta a ocupar o lugar de sua mãe, omite a denúncia do marido assassino, seu igual.

Essa interpretação situa Judy Burton na estrutura neurótica (e não na perversão), o que, até que novos elementos possam ser agregados, não passa de hipótese. Mas novos elementos podem ser agregados: ela não "fatura", com o seu silêncio, mais que algum dinheiro e algumas joias, por si só incriminadoras. Ela se mantém exposta ao risco do reconhecimento. Ela adere ao plano de repetição da experiência que a levará, inevitavelmente, a ser reconhecida como criminosa. Ela busca – e encontra – a punição, saltando no vazio, ao ver-se confrontada por uma mulher surgida das sombras (uma "madre", que ouvira vozes e viera verificar o que se passava).

Se antes protagonizara uma cena de "Ofélia", do *Hamlet* de Shakespeare, lançando pétalas de flores às águas da baía de São Francisco, onde simulará seu suicídio (emulando possessão pelo espírito de sua antepassada, Carlota Valdez), seguirá, na sequência, o roteiro de *Crime e Castigo*, de Dostoievski, e encontrará o seu destino.

CONCLUSÃO

Também pelo viés da consistência dos personagens, *Vertigo* é um filme perfeito. Hitchcock sabe o que há para ser sabido e pode, em consequência, construir personagens absolutamente humanos, coerentes até os limites sensíveis, numa análise eventualmente legítima com base apenas no comportamento observável.

Cumpre assinalar, finalmente, que a presente análise não é – nem poderia ser – uma psicanálise, procedimento que não pode dispensar a palavra pronunciada pelo sujeito em questão – o que aqui não se fez nem se tem como fazer.

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).

A aposta do amor **(im)perfeito**

Não era a melhor estação do ano. Nem alto verão quando podiam estar na praia, e nem inverno, para poderem tomar um vinho ao pé da lareira.

Nem a melhor das cidades. Enquanto um aspirava morar na grande metrópole, com trânsito caótico e mar de gente, o outro preferia a cena bucólica de uma rua vazia, um cachorro deitado e a sorte de ver alguém passar.

Talvez não fosse nem a melhor época da vida. Um se atarefava demais, com excesso de trabalho para entregar e ainda assim, arrumando tempo para socializar até demais; bebida, música e fartura de risos. O outro pensava se deveria mesmo buscar emprego, se valia a pena deixar o "dolcefarniente" para buscar o agito da companhia de quem não procurava.

Mas, o dia de pagar contas chega para todos e, lógico, sempre há aquela que por motivo impensável não pode ser paga no aconchego do lar, ou na praticidade do local de trabalho; e ali estavam, na fila da casa lotérica.

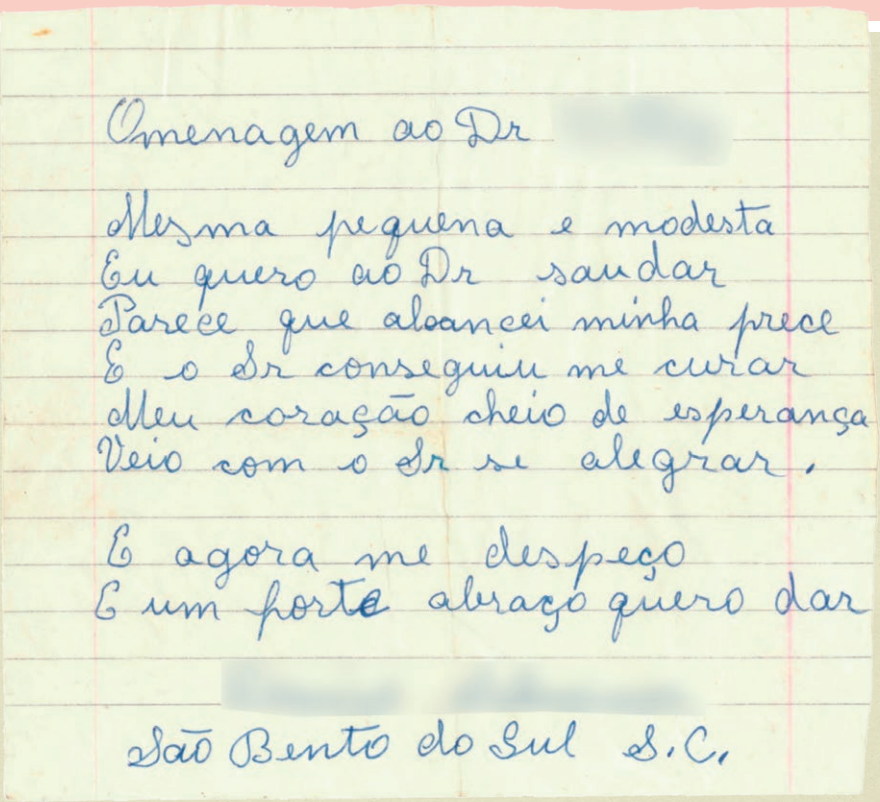
Por ironia do destino, quis a sorte no jogo. Popular inimiga dos amantes que justamente aquela raspadinha fosse contemplada; uma como tantas outras, de prêmio banal, mas providencial. O ato de voltar ao guichê aproximou aquelas duas pessoas tão diferentes, que cruzaram o olhar por poucos segundos, apenas o suficiente. E aí sim, a sorte foi lançada!

Dali em diante, é só a imaginação que nos resta. Foram vistos saindo juntos daquela casa lotérica, em conversa animada, seguindo o mesmo rumo até onde a vista alcançou.

Se tiraram a sorte grande?

Dr. Igor Thiago Xavier Interliche (SP).

★ *2º Lugar no Prêmio Literário Dr. João Manuel Cardoso Martins – 2016, promovido pela Sociedade Paranaense de Reumatologia*


Omenagem ao Dr

Mesma pequena e modesta
Eu quero ao Dr saudar
Parece que alcancei minha prece
E o Dr conseguiu me curar
Meu coração cheio de esperança
Veio com o Dr se alegrar.

E agora me despeço
E um forte abraço quero dar

São Bento do Sul S.C.

Sentimento

Saudar, curar, alegrar, dar. Verbos em rima do poema alheio ao rigor da língua culta que também fala em prece, esperança em abraço. Sentimento verdadeiro. Leitura da alma revestida de gratidão, gesto retribuído com a guarda do mimo pelo sábio médico e professor, que fez da carreira um rimar de versos com tais palavras, em especial a esperança, talvez, para muitos de seus pacientes, o pouco que podiam carregar.

Síndrome de
Florence Nightingale

Uma síndrome engraçada.

***Nightingale* é o famoso rouxinol. Danado de** bonitinho, mas invisível por estas bandas; só visto no Velho Mundo, além do que pia tão bonito (nem tanto quanto o nosso sabiá!) que inspirou contos e músicas.

Florence ou Florença ou *Firenze*, grande centro da moda italiana.

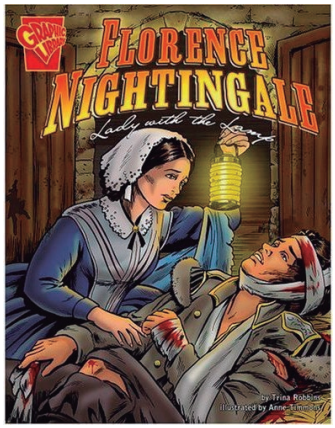
Já se vê que é uma reunião de coisas fresquinhas e cujo título me chamou a atenção num e-mail assinado por Shyam Sunder, homeopata de Delhi (Índia) e que publica em sua página no *Facebook*.

Já vi muita enfermeira fazer careta quando se fala na famosa Florence, patronesse dos enfermeiros, mas que, para muitas, não passou de uma burguesinha metida e que saía à noite com sua lanterna fora de moda para cuidar de farrapos. Ficou famosa na guerra da Crimeia (uma península ao sul da Rússia ou *fiofódomundo*), onde os ingleses se meteram sem serem chamados e na qual os médicos não a viam com bons olhos. Já se percebe que, de longa data, médicos e enfermeiras são como alguns casais: se dependem, se amam, quase se odeiam, mas não se largam.

Ela nasceu em Florença, de pais ingleses que passavam férias na Itália, portanto, *neé* italiana. Rompeu com a família para exercer o cuidado aos doentes, coisa que era feita por analfabetas e até prostitutas que se davam a esse trabalho. Talvez isso também faça parte da reação de algumas enfermeiras contra seus primórdios. O fato é que ficou conhecida como "o outro nome da enfermagem".

Back to Piauí: Sunder escreveu um artigo sobre a síndrome que leva o nome da própria. Achei interessante para comentar com colegas, mas antes, dei uma olhada no *Uncle-Google* e, surpresa! Lá estava grande parte dos dados do citado indiano. Nada demais! Nestes dias há muitas coincidências literárias. Pirataria é coisa de europeus antigos, embora abunde atualmente sem o uso canhões, sabres, tíbias, tapa-olhos e pernas de pau. Como certas artes marciais, usam-se apenas as pontas dos dedos.

Wiki e Sunder afirmam que tal síndrome também é conhecida por "Efeito Flô" quando um indivíduo, ao cuidar de outro, desenvolve sentimentos românticos. Mais especificamente, síndrome de FN é um complexo psicológico quando um(a) paciente vulnerável é atendido e seu cuidador desenvolve sentimentos românticos e, às vezes, eróticos em relação a ele(a). O contrário



também é possível quando o(a) paciente se derrete pelo cuidador.

A história da enfermagem se desenvolveu nos anos 1800, quando FN teve seu papel: de classe alta (*dazelites*, se diria hoje) e nos tempos em que pessoas de seu escalão não se dedicavam a essa atividade, então exercida por pessoas pobres e da classe baixa, coisa de 'gentinha'. Mas FN insistiu e persistiu para desalento de sua família, sem que soubessem que ela revolucionaria essa profissão. Em 1860, escreveu *Anotações em Enfermagem: o que é e o que não é!* e que se tornaria os fundamentos da educação profissional.

FN trouxe limpeza e respeito aos pacientes em hospitais e, mais tarde, com a colaboração de Elizabeth Blackwell, abriu a primeira escola de enfermagem da Inglaterra, em 1869. Ironicamente, na verdade, ela nunca se enamorou de nenhum de seus pacientes; ao que se saiba. O nome da síndrome veio de sua profunda paixão pela profissão e cuidados aos doentes.

Mas há mal-entendidos e essa síndrome não é reconhecida medicamente; mais uma dessas lendas urbanas similares àquelas de quem se apaixona ou mesmo desenvolve intensas paixonites sem outras semelhanças. Bom lembrar que o nome veio de uma mulher que cuidava e amava seus pacientes, sem nada impróprio e, menos ainda, erótico. Tanto que nunca se casou e até se presume que tenha morrido virgem. Se fosse católica, ao invés de protestante, seria candidata a Santa Flô, sem que lhe faltassem devotos.

Efeitos da FN síndrome? São diferentes na dependência do cuidador e do paciente. Cada um deles pode desenvolver paixonite, ou mesmo, amor pelo outro, e os efeitos podem ser inofensivos a menos que um deles atue sobre esses sentimentos. Se isso ocorre, não é ético porque determinaria o fim de sua posição de provedor da saúde. No caso contrário, a recusa poderia terminar em constrangimento para ambos.

Profilaxia/solução dessa síndrome: profissionais da área de saúde aprendem nas escolas e juram dar a seus pacientes o melhor cuidado. Da mesma forma que um advogado que não pode violar os direitos de seus clientes, o profissional não deve *avançar o sinal*, envolvendo-se romanticamente.

O efeito FN e a síndrome são tidos como sinônimos. Contudo, o Efeito FN é, por vezes, referido como a CFS (*Chronic Fatigue Syndrome – síndrome da fadiga crônica*) da qual, supostamente, a própria FN teria sofrido em seus dias finais.

Outra confusão seria o oposto: quando um(a) paciente interpreta como afeição maneiras amigáveis ao pé do leito. O termo correto para essa situação foi cunhado por Sig Freud como 'transferência', quando não esqueceu a 'contratransferência'.

Noutro dia, lendo sobre louvável trabalho de conhecido homeopata europeu, vi sua foto junto à companheira de labuta, assim do tipo pai e filha, o que me levou a pensar que a síndrome da Flô não seja lá tão vetusta, porque médicos, colegas e pacientes, às vezes se casam ou se amigam em segundas núpcias para todo o sempre, até que a morte ou o divórcio os separe.

Vem a propósito o provérbio italiano: *la vita senza amore è nula, catso!*

Nota: baseado nas informações citadas e traduzidas mais do que livremente, acrescentei coisas minhas. Quem conta um conto, quase sempre é assim!

Charge: "Miss Florence (a 'dama da lanterna') dá um cochilo"

Dr. Edson Ferreira Sampaio (PR).

Magnólio, o futuro bufão

A saga de um retirante sob os reveses da vida.

Magnólio era a vida toda, ou queria ser um bufão?

Sua infância: Sertão da Paraíba, a 240 km de Pombal, cidade mais próxima, num pequeno e pobre vilarejo Santo Antão Pai dos Milagres. Nasceu em 1930, filho de família numerosa, 12 irmãos: Magnólio dos Anjos. Filho de Anacleto e Marinalda. Sem água todo santo dia, tinham que puxar baldes da represa mais próxima já bastante vazia, com água poluída pelos jegues que lá tomavam banho.

Aos três anos de idade, ficou órfão de pai e mãe e perdeu todos seus irmãos na grande seca de 1933. Casa de pau a pique destruída, restando somente cactos, magros e secos. Mandacaru nem pensar. Magnólio resistiu à intempérie e sozinho ficou até ser encontrado por grupo contratado pela prefeitura de Pombal, com a finalidade de socorrer os que restaram da seca indomável. Estava meio vivo no meio dos cadáveres de seus pais e irmãos mais velhos. Esqueletos definidos e sem carne, somente ossos. O cachorro da família, com magreza brutal, também não resistiu. Adeus Totó.

Magnólio, menino de cabelos de fogo, encrespados, magro como um pequeno varapau, foi levado para Pombal, ficando no Orfanato N. Sª dos Pobres Desvalidos. Tinha comida, roupa mal lavada e duas refeições por dia. Continuava esquálido e de cabelos mais crespos e cor de fogo. Era deixado de lado pelos outros órfãos, pois achavam que Magnólio era um desprotegido de Deus, talvez filho do Demo. Porque, não sabemos!

A vida foi levando Magnólio e, aos 14 anos, ainda trabalhava e ajudava na lavoura, para justificar sua presença no orfanato. Lavoura de milho e feijão, colheita certa no verão. Sua alegria era aos domingos ir à missa e depois aproveitar as horas de lazer, acompanhando com olhos ávidos os circos e mambembes que armavam sua tenda no pátio diante da Igreja. Ficava encantado.

Magnólio já tinha ares de quem queria ser um palhaço, trabalhar no picadeiro e tornar-se um verdadeiro bufo. Alegria de criança em seus sonhos era ser aviador, ou maquinista de trem. Magnólio não tinham estes sonhos. Queria ser palhaço. Vida de picadeiro, vida de incertezas, mas levando alegria aos outros, pois estas não teve na sua pequena trajetória de vida.

O CIRCO

A passagem do Circo Picolino na cidade, ficando por uma semana, encheu os olhos de Magnólio. Nos seus planos abandonou na noite véspera da partida do circo, o orfanato, saindo furtivamente à noite e escondeu-se num dos carroções que levavam os animais e artistas do circo. O pequeno e mirrado Magnólio incorporou-se como ajudante no circo. Às vezes fazia parte da troupe de palhaços e seu nome era Foguinho. Sempre apanhava dos outros palhaços para fazer a platéia rir.

O circo vagou pelo interior e três meses depois foi para o Rio de Janeiro, armando sua tenda em Madureira, pois seu Picolino, um dos mestres e donos do circo, havia recebido proposta de se apresentar na Cidade Maravilhosa. Irrecusável. Magnólio havia sido aceito no circo e fazia limpeza nas jaulas e aos poucos participava das peripécias dos palhaços.

A infância de Magnólio de cabelos de fogo ficava para trás. Sua família era o circo e seus amigos palhaços, acrobatas e trapezistas... Brincar no pátio de frente da Igreja de Santo Antão aos domingos, com os pés correndo se arrastando na poeira, somente protegido por sandálias feitas de couro de bode pelo seu irmão mais

Washington Fidelis

Antonio Costa

velho, ficava para somente nas memórias. Já estavam bem surradas. Somente lembranças e alguma amargura.

MAGNÓLIO NO CIRCO

O palhaço Mimi e sua namorada Estrela Dalva ficaram amigos de Magnólio e o protegiam de tudo. Alimentavam Magnólio e o ajudavam a aprender ler e escrever. O menino franzino de cabelos de fogo aprendia a arte de ser um palhaço. Bufão seu futuro. Nas pantomimas, Magnólio sempre acabava com a cara cheia de pó de arroz, às vezes suja de creme batido. Tudo para a plateia rir. O senhor Picolino, dono do circo, pegava em seu pé e toda hora dizia: "Magnólio, você nasceu para alimentar os animais. O elefante o está chamando". E ria às bandeiras despregadas. Gordo e rechonchudo, Picolino havia sido um palhaço bem conhecido em todo o mundo, talvez não tão importante como Piolim.

Magnólio dormia a noite no feno que era guardado para os animais. Não se ressentia disto. Sonhava com seus pais, seus irmãos, chorava baixinho com coração saudoso e urinou nas calças até os 14 anos de idade. Micção comum em crianças desamparadas. Enurese noturna acompanha muitos anos os órfãos.

O gato, como Magnólio chamava, era o tigre de bengala. Fatigado pela idade, não tinha às vezes força para fazer um rugido, com dentes faltando e alguns quebrados. Mas era o senhor gato com rugido pouco estridente. Magnólio gostava do "tigre".

Magnólio falava com ele dizendo que a vida era assim mesmo; todos ficavam velhos. Menos seus pais, que faleceram até que precocemente; no Sertão é assim mesmo, muitos morrem cedo. Deus encomenda a tristeza e o limiar de uma vida menos longa.

Magnólio ficava alegre quando estava com a menina Clarindinha, de cabelos também crespos, pretos e feições dóceis. Achava que era a garota de seus sonhos. Mas isto passou depressa. Magnólio era uma figura não muito atrativa para meninas e também era extremamente tímido.

"NO SERTÃO É ASSIM MESMO, MUITOS MORREM CEDO. DEUS ENCOMENDA A TRISTEZA E O LIMIAR DE UMA VIDA MENOS LONGA."

MAGNÓLIO CHEGOU AO RIO DE JANEIRO

Madureira não lembrava o Sertão. O bairro era cheio de pedestres, lojas, camelôs nas calçadas e barulho de automóveis indo e vindo. A vida em Madureira iniciava nas primeiras horas do dia. Bairro bastante progressista do Rio. O circo acampou perto da linha férrea, num descampado próprio para abrigar estas lonas. Magnólio olhava tudo com surpresa, enquanto ajudava a armar a barraca circense e alimentava os animais.

Magnólio tinha atração pela trapezista Sheyla, mulher de corpo sarado, não muito bonita, mas encantava os seus sonhos e devaneios noturnos. Não era recíproco, pois Sheyla tinha um amante de carranca mal encarada e nenhum homem ou menino chegava perto da trapezista. Este espantava possíveis pretendentes.

Havia um dia de folga nas apresentações, na segunda-feira. Magnólio amealhou alguns cobres e tomou o ônibus que ia de Madureira ao Jardim Botânico. Bateu os costados, maravilhados pela vista da Lagoa e do Jockey Clube. Rio, cidade maravilhosa. O ponto do ônibus era próximo a um dos casarões da TV Globo. Estavam filmando, fazendo algum programa de auditório, pois a rua estava cheia. Filas imensas pessoas bem-vestidas e moças exuberantes, em roupas coladas e maquiagem exagerada e brilhante. Magnólio perguntou a um rapaz negro passante que se mostrou solicito e disse: "Estão fazendo o programa do Chacrinha; começa logo a gravação". Magnólio, num impulso desabalado, entrou na fila e a sua figura logo foi distinguida. O homem da fila perguntou: "Você rapaz, o que vai fazer?"

Magnólio, sem saber ao certo, respondeu: "Vou fazer graça, fazerem os outros rirem...". O homem da fila disse: "Entre por aqui e apresente-se ao Russo, que vai lhe arrumar alguma coisa para fazer, pois você já parece um palhaço, nestas roupas e seu cabelo cor de fogo."

Magnólio apresentou-se ao indicado e logo começou a ajudar nos arranjos para o auditório do programa. Ficou encantado com as cores, com o seu Abelardo e

Joel Rocha

Herry Milleo

as chacretes, lindas, pouco vestidas e volumosas nos lugares certos. O tempo ia passando e todos os santos dias Magnólio ia para a Globo e ficava por conta de pequenos trabalhos e, finalmente, trabalhando no auditório. Apaixonou-se secretamente pela ajudante de palco, Maristela, mineira, miúda e de corpo bem-feito. Magnólio também sonhava sempre que podia de olhos abertos ou fechados com a mineirinha gostosa, mas tudo de longe, pois não tinha o físico apropriado para arranjar uma namorada.

COMO O TEMPO PASSA

Aos 56 anos, Magnólio empurrava com a barriga a vida sem nenhuma esperança de melhorar. Na TV Globo continuava fazendo papel de ajudante, em troca de alguns trocados e refeições na cafeteria. Começou a beber aguardente, Pitu, lembrando do nordeste do Brasil de onde vinha esta cachaça. Meio litro de início ao dia e, meses depois, já tomava duas a três garrafas ao dia. Dormia a sono solto após ingerir esta grande quantidade. Tornou-se um alcoólatra e, às vezes, dormia junto com alguns sem-teto e drogados nos Arcos da Lapa.

Deixou a vida passar, seu quartinho abandonou, não aparecia mais na *Globo*, esqueceu a mineirinha. Era mais uma véspera de Natal e Magnólio, com a roupa surrada e esfarrapada, dormia ao relento. Quase 24 horas da noite do Natal. Magnólio acordou desperto após mais uma carraspana, com barulho de passos leves e quase inaudíveis ao seu lado. A luz da lua iluminava o cantinho dos Arcos e ele olhou com dificuldade. Olhar meio esgazeado para o lado e depois para cima. Deparou com vagas criaturas em branco, ao seu redor, e escutou vozes macias e ao mesmo tempo cheias de carinho: "Meu filho somos seus pais Anacleto e Marinalda. Viemos buscar você para estar na Glória de Deus, junto conosco e seus irmãos falecidos". Magnólio, com a boca travada pelo álcool, disse: "Meus pais, ainda não vivi. Sou jovem. Será que devo partir?"

As figuras etéreas responderam: "Filho, tendes que parar de viver desta maneira. O local em que vamos é cheio de glória e júbilo; lá não existe seca e nem fome". Pegaram Magnólio pelas mãos; esta figura já etérea não pesava ainda mais. A luz iluminava os Arcos e coro de anjos angelicais eram ouvidos por Magnólio. Caminharam em direção à luz, luz eterna e diáfana...

Pela manhã de 25 de dezembro deste ano de Deus, dia do nascimento de Jesus, foi encontrado por um guarda municipal o corpo de um homem de cabelo de fogo, magrelo, olhos amarelados e secos com o abdome ascítico por ter uma cirrose alcoólica, mas que tinha no rosto um sorriso cheio de amor. Seu corpo estava gelado pelo frio da noite e na sua mão havia um pequeno pedaço de papel, amarelado e que trazia a inscrição: "Sou Magnólio, nordestino de coração".

Esta é a vida de Magnólio, um futuro ex-palhaço-bufão, nordestino, alcoólatra e derrotado pela vida. O nordestino é um forte. A vida o torna mais forte e mais sagaz. Este miniconto é dedicado aos fortes.

Dr. Roberto Antonio Carneiro (PR).

★ *Obra vencedora do 1.º Prêmio Literário Professor João Manuel Cardoso Martins, da Sociedade Paranaense de Reumatologia.*

Washington Fidelis

SUS: uma **jabuticaba!**

Diz-se que jabuticaba é uma fruta que só existe no Brasil. Por isso, ao se descrever situação insólita que só aqui existe, diz-se que é uma jabuticaba...

O sistema de saúde do Brasil é uma jabuticaba: "universalista" pela Constituição, mas "assistencialista" na prática.

Universalista é um sistema de saúde em que os cidadãos têm direito a atenção à saúde organizada pelo Estado, gratuita (ou com pequeno copagamento) no momento do uso, financiada por impostos e taxas gerais ou por seguro saúde público. Modelo deste tipo é o de Reino Unido, Canadá, países nórdicos, Holanda, entre outros.

Assistencialista é um sistema de saúde em que os cidadãos são divididos em dois grupo. Um majoritário, constituído pela população economicamente ativa, que contribui mensalmente para fundos de saúde públicos, geralmente dentro da Seguridade Social, modelo de muitos países europeus, ou privados, de planos e seguros de saúde, modelo dos EUA. O outro, minoritário, constituído pela população que não contribui para Fundo de Saúde e é atendida por serviços públicos e de entidades filantrópicas.

Nos países desenvolvidos ou quase, se a opção política é por sistema universalista, não há concomitante sistema assistencialista, como no Brasil. E vice-versa.

Aqui, pura jabuticaba: como cidadãos, temos o direito de usar o sistema universalista SUS, mas alguns de nós dele abdicamos, porque a organização em que trabalhamos paga para nós (integral ou parcialmente) mensalidade para um fundo de saúde. Seja o controlado pela Administração Pública Direta, como SAS e ICS – planos de saúde dos funcionários públicos estaduais do Paraná e municipais de Curitiba, respectivamente – ou o controlado por órgãos da Administração Pública Indireta, como Cassi e Fundação Copel, entre muitos outros, que são planos de saúde dos funcionários do Banco do Brasil e da Copel, respectivamente. Temos ainda o privado existente no mercado, como Unimed, Amil, Clinipan, Paraná Clínicas, Bradesco Saúde, Ideal Saúde etc. Ou, ainda porque, como pessoas físicas, compramos um "plano de saúde" de uma das operadoras acima.

Bem diferente dos países com modelo assistencialista, especialmente dos EUA, de cujo modelo mais estamos próximos, na prática. Lá não há sistema universalista! E, também diferente dos Estados Unidos, a população do Brasil que contribui mensalmente para fundos de saúde não passa de 25% do total; lá, é em torno de 80%. Jabuticaba pura!

O SUS foi planejado para a população mais pobre, não conta com a adesão nem de quem o defende "até debaixo da água". Nasceu e continua excludente. Quem é contratado por Ministério ou Secretaria de Saúde recebe sua carteirinha de plano privado de saúde. Estão a lhe dizer: "o SUS não é para você".

Os maiores defensores do SUS, concentrados na "Saúde Coletiva" das escolas médicas, no Ministério e nas Secretarias de Saúde não abrem mão de planos privados de saúde e estão sinalizando que "o SUS não é para eles". Professores das escolas médicas públicas e privadas têm planos particulares de saúde e atendem clientes desses planos em seus consultórios, embora seja objetivo da faculdade ensinar os alunos a atenderem nos "postinhos" da Secretaria e a praticarem medicina de família, que esses professores consideram "medicina pobre para pobre".

A Ebserh, empresa criada para fazer a gestão dos hospitais universitários federais e inseri-los no SUS, dá carteirinha de plano privado de saúde à pessoa que contrata, num claro recado: "O Hospital tem que se inserir no SUS, você não!"

Para comer essa jabuticaba, fazendo com que o SUS não seja "o plano dos que não têm plano", transformando-se, de fato, em "universalista", precisará de mais dinheiro. Que tal reivindicarmos corte (em vez de nova CPMF, por exemplo), entre outras medidas, de deduções

do IR para pessoas físicas e jurídicas que pagam planos privados de saúde, assim como de qualquer subsídio de órgãos da Administração Pública Direta e Indireta para a compra de planos privados de saúde para seus funcionários? O orçamento do SUS em 2015 foi de 91,5 bilhões de reais. Estima-se que as medidas acima injetariam cerca de 20 bilhões nesse orçamento, além de trazer para o SUS segmentos da população com mais voz ativa na sociedade.

Afinal, a classe média quer plano privado de saúde porque o SUS não funciona ou o SUS não funciona porque essa classe média não é atendida pelo SUS?

Dr. Luiz Fernando Nicz (PR).

ANTOLOGIA I

AULA DE COMPOSIÇÃO

"Sinal fechado" é uma aula prática de como se compõe. Sabe aquela pessoa que você gosta e não encontra há tempo e de repente se faz presente no inesperado da ocasião e pressa? E com quem se troca meia dúzia de palavras aflitas e que não correspondem ao corpo das afinidades e afetos? E, pior, que pelo andamento acelerado da vida de ambos, pleno de necessidade de sobrevivência e escassez de tempo, pressentimos que só outro inesperado organizaria novo encontro?

Pois fazer com que esse diálogo, delicado e nervoso, cheio de significado e ao mesmo tempo fortuito, (com aquela simplicidade que leva você a pensar "essa até eu!") atinja o reluzente estado de pepita acabada em fina ourivessaria, embora pareça joia comum, aí o grande mérito do compositor.

Não se vê nos versos de Paulinho da Viola uma única frase de efeito, como a de "Coisas do mundo, minha nêga!", quando, desesperado, além do perdão pede também que a nêga o ensine a viver, pois "as coisas estão no mundo, só preciso aprender". Não, só se vê o comum no devido lugar, perfeito, irretocável, como raramente ocorre. Isto é, com a simplicidade da perenidade. E a fugacidade das promessas não cumpridas, cheias de reticências.

O mestre João assim versejou: *Encontro fechado na pressa inconsistente/No desejo de um futuro tranquilo/Ralado no dia a dia de sinal trocado/Verde, amarelo, vermelho. Encarnado assim.*

Pressa, pressa; não esqueço, não esqueço.

SINAL FECHADO

(Paulinho da Viola)

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem ?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe ...
Quanto tempo... pois é...
Quanto tempo...
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona ?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana
O sinal...
Eu espero você
Vai abrir...
Por favor, não esqueça,
Adeus...

Chance para **um mundo maravilhoso**

Ícone do jazz, o cantor e trompetista Louis Daniel Armstrong nasceu em Nova Orleans (EUA), em 4 de agosto de 1901. A infância foi pobre e difícil, mas o talento instrumental ajudou-o a driblar os tantos obstáculos e construir privilegiada carreira musical e no cinema, que o elevou à condição de "personificação do jazz". Morreu de ataque cardíaco aos 69 anos, em 6 de julho de 1971, em Carona, Queens (Nova Iorque). Suas últimas palavras foram: *I had my trumpet, I had a beautiful life, I had a family, I had Jazz. Now I am complete* (Eu tive o meu trompete, uma vida linda, uma família, o jazz. Agora estou completo.). Sua discografia reúne 14 obras desde 1923, incluindo duas lançadas após sua morte, estando presente ainda em 34 filmes, de 1930 a 1969.

Uma das canções consagradas na voz de Armstrong foi *What a wonderful world*, escrita por Bob Thiele e George David Weiss. Foi o próprio Armstrong quem a gravou pela primeira vez. Merece releitura o prelúdio numa apresentação, respondendo ao questionamento de alguns jovens fãs sobre o título da música de bela letra:

"Alguns de vocês, jovens foram me dizendo: Hey Senhor, o que você quer dizer com 'Que mundo maravilhoso'? E todas aquelas guerras em todo o lugar? Você chama isso de maravilhoso? E quanto à fome e à poluição? Isso não é tão maravilhoso também. Bem, que tal ouvir um velho Senhor por um minuto. Me parece, não é o mundo que é tão ruim, mas o que estamos fazendo para ele. E tudo que estou dizendo é ver que mundo maravilhoso seria se apenas lhe dermos uma chance. Ame querida, ame. Esse é o segredo. Sim. Se muito mais de nós amassemos uns aos outros, nós resolveríamos muitos problemas. E então este mundo seria 'ótimo'. Isso aí, o Senhor continua dizendo... que mundo maravilhoso!"

WHAT A WONDERFUL WORLD	**QUE MUNDO MARAVILHOSO**
I see trees of green	Vejo árvores verdes
Red roses too	Rosas vermelhas também
I see them bloom	Vejo-as florescer
For me and you	Para mim e para você
And I think to myself	E eu penso comigo mesmo
What a wonderful world	Que mundo maravilhoso
I see skies of blue	Eu vejo o céu azul
And clouds of white	E nuvens brancas
The bright blessed day	O abençoado dia claro
The dark sacred night	A sagrada noite escura
And I think to myself	E eu penso comigo mesmo
What a wonderful world	Que mundo maravilhoso
The colors of the rainbow	As cores do arco-íris
So pretty in the sky	Tão bonitas no céu
Are also on the faces	Estão também nos rostos
Of people going by	Das pessoas a passar
I see friends shaking hands	Eu vejo amigos se cumprimentando
Saying: "How do you do? "	Dizendo: "Como você vai? "
They're really saying	Eles estão realmente dizendo
"I love you"	"Eu te amo"
I hear babies cry	Eu ouço bebês chorando
I watch them grow	eu os vejo crescendo
They'll learn much more	Eles vão aprender muito mais
than I'll ever know	do que eu jamais vou saber
And I think to myself	E eu penso comigo mesmo
What a wonderful world	Que mundo maravilhoso
Yes, I think to myself	Sim, eu penso comigo mesmo
What a wonderful world	Que mundo maravilhoso

Morte temporária, **morte solitária**

Chegada a hora de fugir de si mesmo e dos próprios pensamentos.

Dizem que o sono é a morte temporária. Alheia-se do mundo, perde-se a consciência, para retornar após certa passagem de tempo.

Naquele instante, dormir era tudo que Paulo gostaria. Morrer, porém não morrer. Ele sabia que a morte estava próxima. Havia recém-descoberto um câncer, porém já em estágio avançado, com metástases em diversas regiões de seu corpo. Sabia que seu fim era certo. Contudo, ainda tinha dificuldade em aceitar sua situação terminal. Já lhe tinham dito que estava em negação da própria condição. A finitude da vida humana era para ele algo aterrorizante.

Após o diagnóstico, suas noites passaram a ser insuportáveis. Era um homem de sessenta e poucos anos de idade, solitário, fruto das próprias escolhas ao longo da vida. Casou e separou por quatro vezes, não teve filhos, não cultivou amizades...

– Admito! – pensava consigo mesmo. – Colho hoje os frutos do meu temperamento! E o que plantei, se não apenas solidão?

E voltava à sua mente o desejo profundo por um sono duradouro. Entretanto, não o sono derradeiro! Este, só de pensar o transtornava a ponto de perder a paciência até com a própria sombra! Aí uma pequena amostra de seu jeito de ser. E o que Paulo queria, na realidade, era apenas viver a morte sem morrer... E acordar sabendo que tudo não passava apenas de um sonho.

Por outro lado, ele sabia que havia vivido a vida intensamente. Viajou e conheceu muitas culturas. Bebeu da fonte de variados escritores e pensadores. Relacionamentos?

– Ah! – exclamou consigo mesmo. – Esses desfrutei plenamente! Filhos? Não, isso realmente não seria para mim.

Amigos teve poucos em sua existência. Pela vida que levou, talvez fosse das poucas coisas que se arrependesse. Sua tendência misantropa o fez isolar-se aos poucos a ponto de não conviver com ninguém mais, a não ser com os livros e as próprias ideias. Mas, agora, o que mais precisava era fugir de si mesmo e dos próprios pensamentos!

Lembrou da equipe médica. Entretanto, a frieza deles, o modo como lhe informaram a sua condição, a indiferença aos seus sentimentos, aquilo o assustava mais do que a própria morte!

Morrer e não morrer...

– O que posso fazer para aplacar o meu medo e a minha solidão? – tartamudeou. E, aturdido com as próprias reflexões, eis, então, que adormeceu.

Dr. Cesar Iria Machado (PR).

PARA REFLETIR

AJUIZAMENTO

O ensino é sacrossanto. Jamais poderá gerar algum tipo de violência. Assim, deve gerar a libertação do pensamento individual e a autonomia, nunca a perfídia e o medo. A autoridade não pode submeter; ao contrário, deve abrir os horizontes do estímulo, da abnegação, da criatividade.

As artes literárias são essenciais para a formação médica

PORQUE LITERATURA?

Historicamente, por meio da literatura, o médico tem cultivado suas capacidades de reflexão, empatia e autoconhecimento. Sem dúvidas, quando pesquisamos a literatura educacional médica, é notório que existe uma predominância de relatórios baseados em textos literários quando comparados com aqueles nos quais se empregam outras formas de arte no ensino médico. Talvez, isto ocorra porque a literatura tenha sistematicamente sido identificada como uma fonte promissora de material para os clínicos. As suas muitas múltiplas representações do processo saúde-doença e o seu valor em proporcionar aos estudantes uma visão mais profunda dentro da complexidade da ética médica faz da literatura um campo de grande potencial para exploração. A literatura não tem sido usada somente em programas da graduação, mas, também, de forma estratégica, em programas de residência médica com a intenção de formar melhores profissionais.

Dentre as diversas habilidades do médico estão as de contar estórias e histórias. Eles são considerados testemunhas, por vezes cronistas da vida de seus pacientes e não raramente tomam parte delas com substancial envolvimento pessoal.

A capacidade de narrar fatos habilmente está diretamente relacionada ao poder que os profissionais médicos têm de convencer seus pacientes à utilização de determinadas terapias e até mesmo de persuadi-los para mudanças de hábitos de vida mais saudáveis.

Para os alunos, com a prática da medicina narrativa e por intermédio da dialética que ela proporciona, espera-se que haja a aquisição de competências voltadas para a capacidade de ação aos níveis da prevenção de doenças e, sobretudo, da promoção de saúde humana. Para os que desejam um maior aprofundamento do tema, o ensaio por *Charon et al*. discute em detalhes o estudo formal da literatura nas escolas médicas nos últimos anos e o desenvolvimento alcançado por estes estudos.

A literatura tem o poder de contextualização e, quando se lê, pode-se vivenciar um pouco daquilo que é lido. Muitos estudantes não podem ou não devem vivenciar plenamente algumas experiências, tais como: experiências psíquicas que ocorrem com o uso de drogas psicodislépticas e ilícitas, a experiência do parto (no caso do estudante do sexo masculino), o morrer e suas múltiplas facetas e a decadência física que ocorre durante o processo de envelhecimento humano. Todas estas experiências são campos profícuos para a exploração literária e, desta forma, a literatura permite que o estudante possa testar experiências e emoções sem as consequências do encontro real.

OBJETIVOS GERAIS

Abaixo, alguns objetivos, incluindo aqueles propostos por Charon, para a inserção do estudo da literatura na educação médica:

- Relatos literários de doenças podem ensinar os médicos lições concretas e poderosas sobre as vidas de pessoas doentes e consequentemente, de seus pacientes.
- Grandes trabalhos de ficção médica capacitam médicos a reconhecer o poder e as implicações daquilo que eles fazem enquanto profissionais e agentes sociais.
- Através do estudo da narrativa, o médico pode entender melhor histórias de doenças contadas por pacientes e também contextualizar melhor sua relação pessoal com eles.
- O estudo literário contribui para uma melhor qualidade de narrativa dos médicos.

- A teoria literária oferece novas perspectivas e novas visões sobre o trabalho médico.
- Através do treinamento de habilidades de escrita o médico pode comunicar melhor suas ideias e concepções de vida.

LER OU ESCREVER?

Escrever é essencial para a atividade médica. A experiência da vida médica é muito rica e o estudante médico, se sua formação pessoal e médica é boa, eleva-o a um patamar cultural de onde pode escrever de forma profunda e inteligível. Através das narrativas, os médicos aprendem a ler, escrever, refletir e sintetizar melhor seus pontos de vista.

Se percebemos que nosso aluno brasileiro oriundo de uma cultura de "cursinho", de maneira geral, não sabe escrever, é essencial que a atividade literária seja reelaborada no âmbito de sua formação superior e, portanto, este pode ser também um dos papéis da escola médica. A

"A PRODUÇÃO DE ENSAIOS LITERÁRIOS SOBRE TEMAS EM SAÚDE DEVE SER ESTIMULADA."

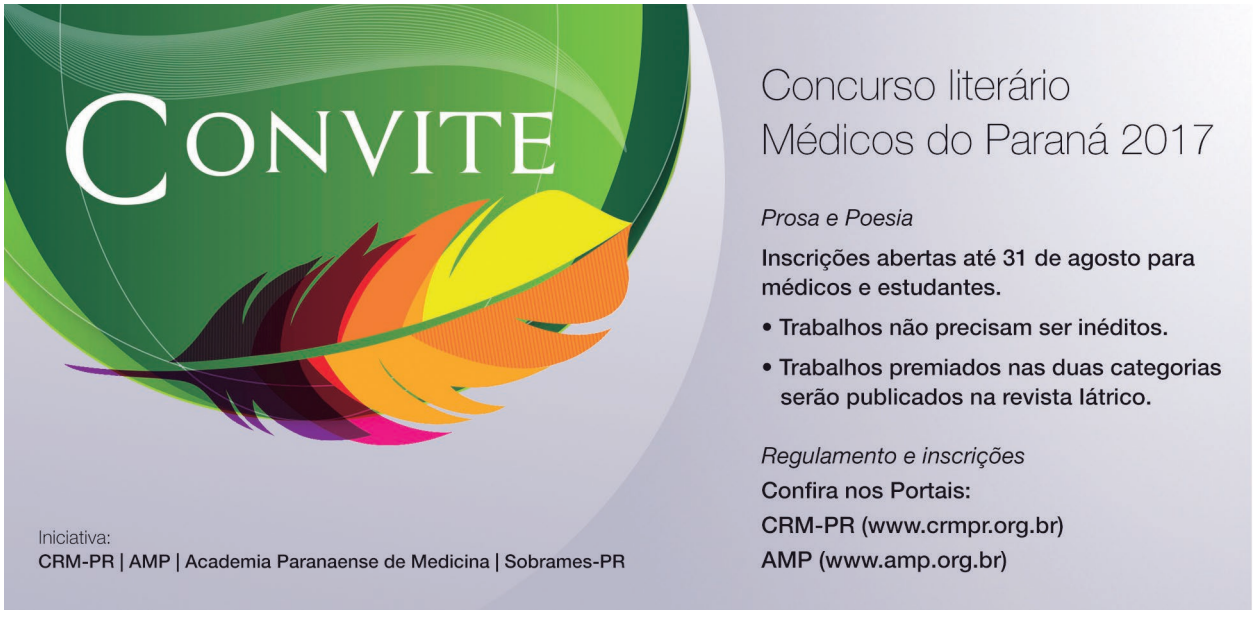
produção de ensaios literários sobre temas em saúde deve ser estimulada para que se desenvolva uma capacidade de integração de conhecimentos e se estimule a criatividade dos alunos.

Diferente da ciência, a literatura de modo geral não oferece respostas e sim reflexões. Na reflexão reside o crescimento pessoal, sobretudo quando esta reflexão está envolvida por uma resposta emocional.

A literatura portuguesa é rica. O Brasil está repleto de bons escritores e há excelentes escritores médicos escrevendo sobre temas médicos, sociais e de desenvolvimento humano. Por que não utilizá-los na escola? Quantos textos de contemporâneos como Moacyr Scliar, Dráuzio Varella ou escritores menos afamados são trabalhados em nossas atividades de sala de aula? Não é demais afirmar que o campo da literatura, introduzido desde 1972 nas escolas médicas americanas, tem desenvolvido métodos e utilizado textos que auxiliam os futuros médicos a desenvolver habilidades de dimensões humanas da prática médica.

DE QUE FORMA UTILIZAR A LITERATURA?

Uma dúvida frequente de muitos docentes é se o uso não sistemático da literatura feito em suas próprias disciplinas pode ser tão eficaz, do ponto de vista pedagógico, quanto aquele proporcionado por um estágio especialmente desenhado para a utilização da literatura. Particularmente, creio que a possibilidade de oferta de módulos especiais de estudo em literatura não pode ser desperdiçada pelas escolas



médicas, principalmente para o ensino da ética.

Wilkinson propõe um estágio semestral de medicina narrativa para alunos do terceiro e quarto anos do curso médico, dividido em blocos temáticos, no qual estudantes devem escrever e discutir seus pontos de vista sobre questões médico-culturais. Todavia, estágios de curta duração (uma semana) nos quais se usa medicina narrativa também têm sido descritos.

A ESCOLHA DO ASSUNTO

Não há limites para a exploração literária em sala de aula. Pode-se utilizar desde os clássicos mundiais e/ou de língua portuguesa até a literatura moderna e pós-moderna. Algumas regras gerais propostas para a prática narrativa e literária são:

- Não há limites para o emprego das formas literárias. Contos, prosas, poemas e até mesmo letras musicais podem ser objeto de estudo e discussão.
- Nós não devemos escolher assuntos para trabalho em sala de aula só porque eles dizem respeito à medicina.
- Há diversas razões para se crer que nem tudo aquilo que um crítico literário tenha recomendado pode ser de fato útil para nossos trabalhos.
- Provar muitos trabalhos de tamanho pequeno é recomendado. O manejo em sala fica mais fácil com textos menores. As conclusões podem ser obtidas mais facilmente e em tempo reduzido.
- Contos e histórias escritas por médicos geralmente prendem mais facilmente a atenção dos estudantes.

> "A LITERATURA PERMITE QUE O ESTUDANTE POSSA TESTAR EXPERIÊNCIAS E EMOÇÕES SEM AS CONSEQUÊNCIAS DO ENCONTRO REAL."

Além de temas como a morte e o morrer, medicina intercultural, a experiência transformadora da doença e os desafios da vida médica, as narrativas de doenças e doentes permitem (de um modo pelo qual a técnica tradicional da anamnese não permite) que os estudantes investiguem e explorem seus sentimentos e os de seus pacientes.

Algumas antologias são particularmente convenientes, como a Obra de Machado de Assis e José de Alencar.

De maneira geral, as bibliotecas setorizadas com as de saúde não estão aparelhadas com literatura não médica para médicos. Então, o momento de decidir pela compra de exemplares sugeridos pelos organizadores do estágio pode particularmente ser difícil, além do que muitos alunos – e, às vezes, o próprio professor – preferem ter o seu exemplar usado nas discussões do grupo.

ESTRATÉGIAS DE DISCUSSÃO DE TEXTOS

Após a leitura, a discussão sobre as histórias é crucial. Ela pode ser informal e extemporânea. Neste processo, diversos autores propõem que, embora objetivos a serem alcançados pelos alunos possam ser definidos pelos docentes antes da discussão do material, o próprio processo de discussão do texto, a conversação e interação do grupo podem também ser metas igualmente importantes.

Grupos de leitura fornecem as melhores oportunidades para uma discussão e há, na literatura, experiências em que a presença de integrantes não médicos mostra-se importante. Estes membros convidados podem ser desde colegas dos alunos, pessoal de apoio do curso, pacientes ou até mesmo membros da família de pacientes. Com isto, dois objetivos seriam enriquecedores: desafiar as percepções dos alunos e dos próprios docentes sobre o material apresentado e, embora muitos não concordem, fazer com que o estudante médico *desça de seu salto alto* ao expor suas ideias e concepções sobre as questões propostas.

Dr. Valderílio Feijó Azevedo (PR).

**Referências bibliográficas estão disponíveis na versão científica, no Portal do Conselho.*

Os **"chatos"**

A dignidade fragmentada na desesperança e no viver promíscuo.

Ganhei a rua e muitos dos fatos vividos até então incomodavam minha mente atribulada, minha vida até então desregrada, o fracasso profissional em uma carreira no início tida como brilhante, meus passos lentos, sapatos velhos apertados mal acomodando os pés surrados pelo trabalho do dia, passos que não acompanham a ansiedade de chegar ao destino.

A rua está deserta e as poucas lâmpadas que resistiram à mira certeira de depredadores boêmios iluminam a calçada estreita e suja, vítima da vizinhança, centro miserável, pseudointelectual, aproveitadores e políticos banidos da vida pública pela corrupção. Tropeço em um entulho qualquer que não consegui discernir na escuridão, digo qualquer meia dúzia de palavras impróprias propícias à ocasião, em intensidade similar à dor sentida no hálux abscedado pelo encravamento ungueal atingido no pequeno acidente. Equilibro a garrafa, que quase caiu, pondo em risco meu último gole.

Mais adiante uma janela do andar superior do antigo sobrado se abre e uma senhora mais antiga ainda, por certo despertada pelos palavrões há pouco proferidos, chama-me de vagabundo, bêbado, outras duas ou três palavras que não consegui distinguir, mas sem muita curiosidade pra isso. Sua esclerose e mediocridade a faz desferir um cuspe volumoso que me acerta o ombro. O catarro amarelado em que em meio às raias de sangue parecia ver as micobactérias em proliferação, escorre pelo terno velho e empoeirado, o próprio bolso impede que ele atinja o chão. Minha piedade pela sociedade corrompida se estende àquela velha medonha tuberculosa. Perdi a vontade de beber.

A rua aos poucos fica mais íngreme e o vento gelado ainda esfria o meu corpo febril. Minha garganta dói e meus olhos lacrimejam, o nariz escorre, pouco mais claro que o adorno que levo ao ombro. Minhas costas, aos poucos, sentem o peso do velho corpo, os passos cada vez mais curtos, o pescoço encurvado e a face enrugada. Os "chatos" no mês passado tratados voltam a infestar meus genitais e o prurido intenso escarifica minha bolsa escrotal, as áreas sangrentas provocadas pela infestação atual contrastam com as cornificadas pelo prurido crônico.

Apresso os passos e contorno pelo outro lado a entrada do bar onde devo modesta soma. Um cachorro denuncia minha presença com latidos agudos e, percebendo minha fragilidade, ameaça-me; a corrida é inevitável. Três quadras adiante, duas pedradas afastam minhas canelas secas daqueles caninos afiados, mais brilhantes que os meus. O suor escorre frio, minhas pernas latejam e meu peito dói, queima... as coronárias enrijecidas. Pareço sentir o frêmito do meu sangue acidótico passando pelos estreitamentos das placas ateromatosas com dificuldade; a falta de ar me sufoca.

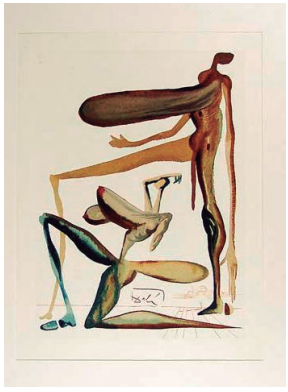
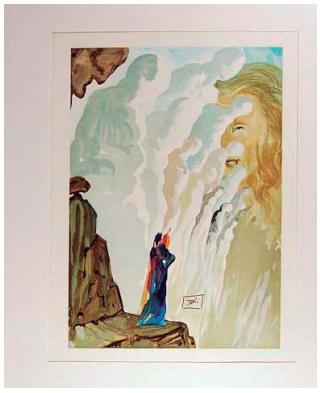
Continuo nos meus costumeiros passos quando a chuva fina começa a cair. Finalmente chego ao ponto do ônibus. Minha mão busca a diária do dia de trabalho e humilhação no bolso da calça, mas só encontra um rasgo enorme até então nunca percebido. Meu entusiasmo é maior, resolvo seguir a pé, caminhando com mais cuidado, pois a sola do imprestável sapato se descolou na intempestiva arrancada.

Dobro a esquina, outra ladeira, a chuva agora é mais forte.

Dr. Ribamar Leonildo Maroneze (PR).

De Dante a Dalí, **muito a aprender**

Ilustrações de Dalí

A Divina Comédia, obra-prima de Dante Aleghieri (1265-1321) e da literatura italiana, tem exercido grande influência em todas as artes, inspirando desde pintores, escultores e poetas a músicos e cineastas nestes sete séculos. Artistas como Michelangelo, Domenico di Michelino, Sandro Botticelli, William Blake, Gustave Doré, William-Adolphe Bouguereau e Salvador Dalí estão entre os muitos ilustradores da obra de Dante, cada qual no exercício de sua técnica e sensibilidade.

O escultor francês Auguste Rodin usou a *Comédia* para algumas de suas principais obras, como *O Pensador* (representando o próprio Dante), *O Beijo*, *As Três Sombras* e *Ugolino e seus filhos*, que também estão reproduzidas em *Porta do Inferno*, conjunto de 180 figuras em bronze iniciado em 1880 e finalizado somente em 1917. Os compositores Robert Schumann, Gioachino Rossini e Franz Liszt – com sua Sinfonia Dante – traduziram em música parte do poema, enraizado também no teatro e no cinema. Quem não lembra, por exemplo, de *Amor Além da Vida*, estrelado por Robin Williams. Até games hoje exploram o "inferno dantesco".

> A OBRA SE CONSTITUI NUM COMPÊNDIO, ONDE TODO O CONHECIMENTO DO MUNDO CLÁSSICO É TRANSUBSTANCIADO PELA COSMOVISÃO DE UM HOMEM DA IDADE MÉDIA.

A obra é repleta de significados alegóricos e morais, expostos sob a imaginação privilegiada e a habilidade narrativa ímpar do artista, que exaltam seu caráter lírico e beleza poética. Mais que compreender o homem medieval, *A Divina Comédia* oferece a visão da história da humanidade pela arte, viajando no tempo para extrair o conhecimento filosófico e religioso, de instituições políticas e sociais e os regramentos estéticos e morais. Com artifício sutil, ao realçar a capacidade de os mortos profetizarem o futuro, o poeta encerra seus cantos com o relato ácido aos costumes e personagens de seu tempo.

É bem possível que Dante tenha iniciado o seu poema por volta de 1307, mas é certo que trabalhou nele durante toda a sua vida, tendo terminado os versos do *Paraíso* poucos meses antes de morrer (possivelmente de malária), em Ravena, onde passou os três últimos anos de seu exílio, depois de, abandonado até pelos parentes, peregrinar de uma cidade para outra em estado quase de mendicância. A obra originalmente titulada de *Comédia*, ganhou o adjetivo *Divina* por Boccacio e a nova denominação surgiu em 1472, quando da primeira

edição impressa, período em que se começou a dar algum reconhecimento a Dante e sua obra.

No período em que Dante viveu, era comum a publicação das obras em latim. O longo poema épico foi escrito em dialeto toscano, o que viria a auxiliar na propagação da língua italiana. Suas obras antecessoras foram *Sobre a Língua Vulgar*, *O Convívio*, *As Rimas*, *Éclogas*, *As Epístolas*, *Monarquia* e *Vida Nova*, esta também afamada. A influência cultural e literária de Dante ganhou vida, de fato, a partir do final do século 19 e início do 20, englobando o movimento romântico e a etapa do alto modernismo. Hoje, ostenta status de maior escritor de língua italiana e um dos mais importantes escritores da literatura universal.

ORIGEM E EXÍLIO

Nascido em Florença (como Maquiavel, 200 anos depois), capital da província de Toscana, procedia da baixa nobreza e entrou na guilda dos médicos-farmacêuticos sem interesse na atividade, mas por causa de uma lei de 1295, que reservava os cargos públicos a nobres membros de alguma corporação. Assim, pôde transitar no meio político e entre os governos e reinos de então, onde a Igreja exercia forte influência e impunha retrocesso aos direitos humanos na ânsia de conservar seu poder.

Dante, crente de um mundo melhor no além, foi contundente ao julgar e lançar as personalidades da época e do passado nos três reinos do pós-vida para os quais seguiu em sua viagem imaginária, tendo como convidados os personagens Virgílio (o poeta clássico autor de *Éclogas*, *Geórgicas* e *Eneida*), na passagem por inferno e purgatório; Beatriz, seu grande amor platônico e representando o céu; e São Bernardo, associado a Deus. Contudo, foram suas atitudes enquanto político e pensador que o relegaram à condição de exilado, sob influência do poderio papal.

Os restos mortais de Dante nunca voltaram à terra natal e, em que pese o culto à sua memória que hoje se faz, inclusive com estátuas presentes em Florença, é fato que até hoje há correntes que interpretam como justa a condenação do poeta ao exílio. Debates públicos ou julgamentos simulados, feitos de tempos em tempos entre os florentinos, colocam o caso sob análise e com decisões plurais. Contudo, há prevalência de sentimento de gratidão universal à formidável obra de fantasia e representação poética, em especial ao legado à língua italiana. Prova disso foram as comemorações alusivas ao 700º aniversário de nascimento, em 1965. O governo italiano contratou, na década de 50, o mestre do surrealismo Salvador Dalí para reproduzir os 100 cantos da obra de Dante. A crítica foi brutal entre os italianos pelo fato de seu patrimônio literário ter sido colocado nas mãos de um artista espanhol.

A exemplo do que ocorreu com Dante, que talvez jamais tivesse concluído a *Comédia* se não fosse levado ao "injustiçamento", Dalí foi implacável na condução do projeto, fazendo as ilustrações do poema épico, contando com a parceria dos mestres gravadores em madeira Raymund Jacques e Jean Taricco, que passaram cinco anos esculpindo a mão 3.500 blocos usados para criar as reproduções. As xilogravuras ganharam a primeira publicação em livro no início dos anos 60, pela editora parisiense *Les Heures Claires*.

Alheio aos críticos, que desdenharam do seu trabalho no comparativo com outros artistas do passado, Dalí faturou alto com o trabalho. Com Mal de Parkinson e depressivo pela morte da mulher, Gala, Dalí morreu em 1989, aos 85 anos, sem o testemunho de que a obra tinha se projetado no mundo em forma de exposição itinerante, que nas passagens pelo Brasil ganhou denominações como "Dante em Dalí: Realidade Onírica" e "A Divina Comédia por Dalí". Em São Carlos (SP), há uma mostra permanente da coleção adquirida pelo brasileiro Lover Ibaixi diretamente de Dalí e Gala, em Madri, e que foi doada à memória da cidade.

Nos dias atuais, em que a massiva comunicação exibe com intensidade

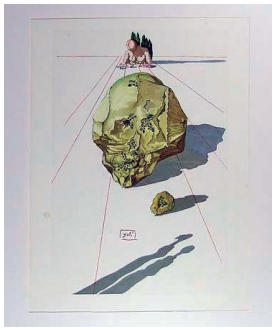
"Quem és tu que queres julgar,
com vista que só alcança um palmo,
coisas que estão a mil milhas?"

> "A fama que se adquire no mundo não passa de um sopro de vento, que ora vem de uma parte, ora de outra, e assume um nome diferente segundo a direção de onde sopra."

os estados extremos do sofrimento humano, em especial pelas guerras, pelo flagelo da miséria ou pela violência, a obra de Dante se reverbera entre artistas, produtores culturais e novos leitores. Na arquitetura do mundo extraterreno do poeta italiano, os círculos do inferno acolhem os pecadores com suas diferentes culpas e aos horrores a que são submetidos. No estrato dos sete pecados capitais, ali se desdobram os vendilhões, os falsários, os fraudadores, os danosos à natureza, os ladrões, os hipócritas, os traidores, os corruptos...

Quantas pessoas não seriam merecedoras hoje de estar no caminho dessa viagem imaginária de Dante, ciceroneado por Virgílio? Há controvérsias se conseguiriam se penitenciar de seus erros terrenos para ascender ao segundo plano. A vista inexprimível do paraíso, que encerra o poema, talvez suponham aqui viver, desapegados da moral focada na rigidez de costumes e na exaltação dos valores do bem, da verdade e da justiça.

Ilustrações de Dalí



TERZA RIMA, A ORIGINAL

O poema de Dante possui impressionante simetria matemática baseada no número três. Foi escrito sob técnica original conhecida como *terza rima*, onde as estrofes de dez sílabas, com três linhas cada, rimam na forma ABA, BCB, CDC e assim por diante. Ou seja, a linha central de cada terceto controla as duas linhas marginais do terceto seguinte. Ao fazer com que cada terceto antecipe o som que irá ecoar duas vezes no terceto seguinte, a *terza rima* dá a sensação de movimento ao poema, como se iniciasse um processo que não pode mais parar. A estrutura ganhou a denominação de "terceto dantesco", por ter sido Dante o primeiro a empregá-la.

Os três livros que formam *A Divina Comédia* são divididos em 33 cantos cada um, com aproximadamente 40 a 50 tercetos, que terminam com um verso isolado no final. O primeiro, *O Inferno*, possui um canto a mais que serve de introdução para todo o conjunto, de 100 cantos (número simbolizando a perfeição do perfeito), totalizando 14.233 versos. Os lugares descritos por cada livro (o inferno, o purgatório e o paraíso) são divididos em nove círculos cada, formando, no total, 27 níveis (3 x 3 x 3). Os três livros rimam no último verso, terminando com a mesma palavra: *stelle* (que significa estrelas).

1	Nel mezzo del cammin di nostra vita	A
2	mi ritrovai per una selva oscura	B
3	ché la diritta via era smarrita.	A
4	Ahi quanto a dir qual era è cosa dura	B
5	esta selva selvaggia e aspra e forte	C
6	che nel pensier rinova la paura!	B
7	Tant'è amara che poco è più morte;	C
8	ma per trattar del ben ch'i' vi trovai,	D
9	dirò de l'altre cose ch'i' v'ho scorte.	C

receita de DOUTOR

Dr. José Clemente Linhares (PR).

Posta negra de Cartagena
(Posta Cartagenera)

Um dia desses estava assis-tindo um dos episódios de Masterchef Colômbia e fui surpreendido por esta emblemática receita de carne. A preparação que os participantes e os comentários dos *chefs* julgadores foram tão estimulantes que me deu água na boca.

Um pouco depois, eu tive que viajar para a Colômbia para um treinamento em cirurgia robótica e não resisti. Fui ao restaurante de um dos juízes do Masterchef, o *Chef Rausher*, para provar a dita posta.

É uma receita típica da costa caribenha, mais precisamente da bela cidade histórica de Cartagena e lá é acompanhada por arroz de coco.

Gente, é uma delícia!

INGREDIENTES (8 PORÇÕES)

- 2 kg de carne (contrafilé ou alcatra)
- 1 cenoura
- 2 cebolas
- 1 pimentão verde
- 1 folha de louro
- 1 pitada de tomilho
- 1 colher de sopa de pasta de alho
- 125 g de rapadura ralada ou açúcar mascavo (mas o melhor é rapadura mesmo)
- 1 litro de caldo de carne
- Sal e pimenta a gosto

MODO DE FAZER

- Corte a carne em pedaços grandes com cerca de 6 cm de espessura;
- Tempere com sal, pimenta e a pasta de alho;
- Em uma frigideira em fogo médio, acrescente um pouco de óleo (girassol ou oliva);
- Sele bem a carne até que forme uma bela crosta externa;
- Na mesma frigideira sele os vegetais que serão a base do molho;
- Passe os pedaços de carne e os vegetais para uma panela de pressão;
- Acrescente a rapadura ou o açúcar;
- Cubra com o caldo de carne e deixe cozinhar sob pressão por 1h30. Ao final, a carne deve estar com uma cor negra pelo caramelo;
- Corte a carne em fatias;
- Bata o molho no liquidificador para integrar os ingredientes;
- Coloque a carne em um refratário e cubra com o molho;
- Leve ao forno a 200o C por 30 minutos ou até que a carne esteja caramelizada;
- Sirva acompanhada de arroz branco ou, como na Colômbia, com arroz de coco.

CRM-PR

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br